

ORGANIZADORAS
LIBÂNIA NACIF XAVIER
MARIA JUDITH SUCUPIRA DA COSTA LINS
ROSANA HERINGER
VÂNIA MOTA



RIO DE JANEIRO: UFRJ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

*Programa de Pós-Graduação
em Educação da UFRJ: 50 anos*

Organizadoras:

*Libânia Nacif Xavier
Maria Judith Sucupira da Costa Lins
Rosana Heringer
Vânia Motta*

Novembro / 2022

Copyright ©2022 Faculdade de Educação/UFRJ

Capa: Bianca Pinheiro

Revisão: Libânia Xavier e Vânia Motta

Direção da FE-UFRJ
Maria Comes Muanis
Thiago Ranniery Moreira de Oliveira

Coordenação PPGE
Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato
José Cláudio Sooma Silva

Comissão Celebração PPGE 50 anos
Rosana Rodrigues Heringer
Libânia Nacif Xavier
Maria Judith Sucupira da Costa Lins
Thiago Ranniery Moreira de Oliveira
Vânia Cardoso da Motta
Adriana Fresquet
Solange Rosa de Araújo
Jordanna Castelo Branco
Catarina de Cassia Moreira

Faculdade de Educação da UFRJ

Av. Pasteur, 250 - Urca – Rio de Janeiro RJ - Brasil CEP: 22290-902

www.educacao.ufrj.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P964 Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ: 50 anos / organizadoras Libânia Nacif Xavier, Maria Judith Sucupira da Costa Lins, Rosana Heringer e Vânia Motta – Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Educação, 2022
61 p.: il.

ISBN 978-65-88579-01-5 (versão on-line).

1. Educação – Estudo e ensino (Pós-graduação) – História. 2. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Faculdade de Educação – Pós-graduação – História. I. Xavier, Libânia Nacif. II. Lins, Maria Judith Sucupira da Costa. III. Heringer, Rosana. IV. Motta, Vânia. V. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.

CDD: 378.8153

Sumário

Apresentação do E-Book.....	1
1. Breve Histórico do PPGE/FE/UFRJ.....	3
2. A constituição do PPGE por linhas de pesquisa.....	7
3. Depoimentos de ex-coordenadores do PPGE-UFRJ	17
4. A produção científica do PPGE-UFRJ.....	31
5. A Revista Contemporânea de Educação	39
6. O Futuro do PPGE-UFRJ por seus professores / pesquisadores.....	41
Anexo: Programação do Evento PPGE 50 ANOS	55

Apresentação do E-Book

Maria Muanis – Diretora da Faculdade de Educação

Thiago Ranniery – Vice-Diretor da Faculdade de Educação

Este e-book é mais uma forma de celebrar os 50 anos do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRJ (PPGE/UFRJ) - comemorado também em eventos, mesas redondas e produção e exibição de filmes com ampla participação de professores, estudantes, técnicos e egressos. Nestas páginas, buscou-se alguns fios da memória que permitam contar um pouco dessa história de um programa, hoje, nacionalmente reconhecido por sua excelência. O PPGE aparece nestas linhas a partir de perspectivas distintas. Permite-se aqui transitar por um relato sobre sua história desde a fundação, pelas vozes de vários de seus coordenadores que narram especificamente os mandatos em que estiveram à frente dessa gestão, por uma análise das produções acadêmicas de teses e dissertação aqui defendidas e finalmente pela prospecção de futuro verbalizada por cada um de seus atuais docentes. Este e-book comemora os 50 anos do programa e nosso desejo é que seja também um presente para o leitor que o busca por laços afetivos ou por motivos acadêmicos; por mera curiosidade intelectual ou porque carrega consigo a marca dos anos vividos aqui.

O primeiro capítulo, escrito por Maria Judith Sucupira Lins, intitulado *Breve Histórico do PPGE/FE/UFRJ*, narra a história do Programa desde a institucionalização do mestrado da FE/UFRJ em 1972 até o início das atividades do doutorado. A autora percorre os princípios que orientaram a criação do mestrado e, posteriormente do doutorado, analisa as áreas de concentração das pesquisas e discorre sobre os trâmites que possibilitam a institucionalização do que viria a se configurar como o PPGE/UFRJ. Deve-se destacar, no processo de implementação do doutorado, a doação da Biblioteca do Centro Brasileiro de Pesquisa Educacional (CBPE) à Faculdade de Educação da UFRJ que, ainda hoje, encontra-se abrigada em nosso campus. Àquele momento constituía-se com a mais importante coleção de referências do campo educacional.

O segundo capítulo dedica-se a enunciar as seis linhas de pesquisa do Programa: Currículo, Ensino e Diferença; Estado, Trabalho-Educação e Movimentos sociais;

Formação Docente, Linguagens e Subjetividade; História, Sujeitos e Processos Educacionais, Inclusão, Ética e Interculturalidade nos Processos de Ensino-aprendizagem; Políticas e Instituições Educacionais. As linhas são apresentadas por seus coordenadores atuais que apontam sucintamente a gênese e os movimentos de transformação e crescimento de cada uma ao longo desses anos do programa, bem como abordam os principais temas a elas concernentes e sua importância dentro do campo educacional.

No terceiro capítulo, os coordenadores do PPGE dos triênios que se sucederam desde 2004-2007 até os dias atuais dão seu depoimento entrelaçando, memórias pessoais com os desafios enfrentados e os rumos que foram sendo construídos para que o programa pouco a pouco ganhasse alguns dos contornos que hoje o caracterizam, em especial sua excelência acadêmica, reconhecida pela nota 6 da Capes.

No capítulo 4, os pesquisadores Érica Resende, Jordanna Castelo Branco, José Claudio Sooma Silva e Rodrigo Rosistolato procuram organizar, sintetizar e fazer uma análise da larga produção científica do PPGE ao longo dos seus 50 anos de existência. Para ser uma noção da força e dimensão do programa, de 1975, quando houve a primeira defesa de mestrado, até hoje, 1358 dissertações foram defendidas. Teses, foram 433 desde 1986, data da primeira defesa de doutoramento. O texto ainda discorre sobre a ampliação do quadro de docentes, a diversificação das temáticas abordadas nos últimos anos. O capítulo 5, Ana Pires do Prado traça um breve panorama dos percursos da *Revista Contemporânea de Educação*, da Faculdade de Educação da UFRJ, publicada pela primeira vez em 2006.

O capítulo 6 traz um texto sucinto e intenso de cada professor do Programa com declarações sobre suas expectativas para os próximos 50 anos do PPGE. A diversidade de temas abordados e os sonhos e projetos almejados revela a pluralidade de nosso quadro docente e das perspectivas contempladas pelo programa.

Há, entretanto, ao longo dessas páginas, algumas marcas em comum e princípios orientadores que perpassam todos os textos: a certeza de que a diferença nos fortalece e, por isso, a reafirmação constante da pluralidade entre docentes, estudantes e temáticas contempladas no PPGE. Há o compromisso urgente, inadiável e perene com a educação pública, gratuita e de excelência. Há a responsabilidade com a justiça social e com a formação de professores. Há, sem dúvida, a emoção de ver os egressos carregando consigo esses compromissos nos diferentes cantos do Brasil.

1. Breve Histórico do PPGE/FE/UFRJ

Maria Judith Sucupira da Costa Lins

Cursos de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação ainda não eram muitos. Considerando a necessidade destes cursos e sua importância para o Brasil, e tendo sido aprovado o Parecer 977/65, de autoria de Newton Sucupira, do Conselho Federal de Educação, que regulamentou esse nível de ensino, a diretora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Profa. Nair Fortes Abu-Merhy, em união com outros professores, providenciou o que era necessário para a criação do mestrado da FE/UFRJ em 1971, o qual foi instituído em 1972.

A proposta apresentava para o Mestrado, inicialmente, duas áreas de concentração: 1. Formação do Educador e 2. Administração e Política Educacional. Diante da procura diversificada, de sugestões de professores e acatando propostas de futuros candidatos, foram acrescentadas mais duas áreas de concentração, que foram as seguintes: 3. Avaliação e 4. Tecnologia Educacional.

A partir do parecer favorável do Conselheiro Newton Sucupira, quanto a esse documento, o Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da UFRJ entrou logo em funcionamento. Em dois anos, isto é, em 1974, aconteceu o tão esperado credenciamento, concedido pelo Ministério da Educação e Cultura, seguindo a orientação do Conselho Federal de Educação. A Congregação da Faculdade de Educação da UFRJ indicou o nome do referido Conselheiro professor Newton Sucupira para ser o primeiro coordenador, naquela época, denominado Diretor Adjunto de Cursos para Graduados. Permaneceu desde 1972, quando só havia o Mestrado, continuou com a criação do doutorado em 1980 e permaneceu nesse cargo até 1988, sempre por insistência do Colegiado do PPGE. Seguiram-se a Professora Alda Judith Alves-Mazzotti, Tarso Mazzotti, Terezinha Accioly Corseuil Granato, e muitos outros que tanto contribuíram para o fortalecimento desse Programa.

Em 1979, os resultados do novo programa de ensino integrado à Faculdade de Educação eram excelentes, contando o mestrado com 175 dissertações defendidas, número este que atestava o sucesso dessa Pós-Graduação em tão pouco tempo. Diante

disso, o corpo docente pensou quanto à possibilidade de criação do doutorado e decidiu iniciar a organização de seu projeto. Para essa finalidade, cumprindo-se as exigências legais, foi solicitada, oficialmente, pela direção da Faculdade de Educação, a implantação do doutorado em educação ao Ministério da Educação e Cultura. Ressalte-se que naquela época, o Mestrado ainda não era denominado Programa de Pós-Graduação em Educação, mas sim Ensino para Graduados, havendo uma Diretoria Adjunta de Ensino para Graduados.

Devido ao alto índice de aprovação alcançado e à “significativa contribuição para a formação de professores qualificados e de especialistas competentes destinados às múltiplas tarefas exigidas pelo desenvolvimento da educação brasileira, bem como para o progresso da pesquisa educacional em nosso país”, segundo as palavras do Conselheiro Newton Sucupira (1979, p. 1)¹, foi, imediatamente, requerida a criação do doutorado no referido programa.

O projeto de doutorado para a FE/UFRJ havia sido iniciado em 1978 e estava centrado no processo educativo brasileiro. Na época, havia apenas três doutorados em Educação funcionando no país, sem que até aquela data algum tivesse sido credenciado pelo Conselho Federal de Educação. Todas as exigências estavam sendo atendidas e se justificava a criação do doutorado da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Um detalhe interessante, é que para sua criação fazia-se necessária uma biblioteca especializada e consistente em Educação. Esse obstáculo foi vencido, depois que o Ministério da Educação e Cultura doou à Faculdade de Educação/UFRJ a Biblioteca do Centro Brasileiro de Pesquisa Educacional (CBPE), vinculado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), que era a mais completa no Brasil concernente à área de Educação. Na realidade, pode-se entender que a perspectiva da implantação desse doutorado constituiu o motivo fundamental que determinou a transferência da biblioteca do CBPE para a Faculdade de Educação da UFRJ.

A proposta do doutorado estabelece que Educação Brasileira seja a área de concentração, em sentido amplo, contendo linhas de especialização e admitindo configurações interdisciplinares. Educação Brasileira já vinha se constituindo uma das áreas de concentração do Mestrado da FE/UFRJ.

¹ SUCUPIRA, Newton. *Doutorado em Educação*: Documento de solicitação de funcionamento do Doutorado da FE/UFRJ ao Ministério da Educação. Brasília, 1979. 6 p.

Há matérias em comum que definem as coordenadas gerais do amplo campo de estudo intitulado “Educação Brasileira”. O doutorado foi implantado com uma área de concentração, a mencionada “Educação Brasileira”, a qual se articulava de modo flexível a três grandes linhas de especialização: 1. Estudos Sócio-filosóficos e Históricos; 2. Estudos Políticos e Econômicos; 3. Estudos em Planejamento e Administração.

Observe-se que as três linhas não eram isoladas, sendo possíveis abordagens interdisciplinares envolvendo duas das linhas de especialização, em função do projeto de pesquisa do doutorando. Foi ressaltada a Pesquisa Educacional como a essência do doutorado e sua viga mestra de sustentação. Para a escolha dos candidatos, em um modelo interdisciplinar, as três grandes linhas estavam em conexão, com os seguintes núcleos temáticos para o doutorado: 1. Pensamento Educacional Brasileiro; 2. Educação e Sociedade; 3. Teorias e Práticas Pedagógicas; 4. Administração e Política Educacional.

A seleção de candidatos é adjetivada como extremamente rigorosa, visando à qualificação e excelência dos futuros doutorandos. Para o primeiro grupo, esta se compunha da exigência de apresentação do Curriculum Vitae, de uma prova escrita, da apresentação de anteprojeto de tese que deveria conter os seguintes elementos: a. definição do problema; b. vinculação do problema a uma das especializações que tenha sido a escolhida, c. bibliografia comentada de no mínimo dez autores. O candidato tinha liberdade de escolher disciplinas para compor seus estudos e dar embasamento à realização de sua própria pesquisa.

Além dos objetivos próprios a um doutorado, é importante lembrar que o nosso programa tinha os seguintes objetivos específicos com a função de nortear a pesquisa pretendida pelo doutorando:

- Propiciar condições para a análise em profundidade da problemática educacional brasileira;
- Desenvolver não somente a pesquisa no plano empírico da praxis, mas empreender uma obra de reflexão filosófica visando à compreensão de nosso processo educativo, mediante a determinação de suas categorias fundamentais;
- O estudo da realidade educacional brasileira não visará somente a análise crítica da estrutura e funcionamento da educação, mas terá também caráter prospectivo, preocupando-se em apontar novas orientações;

- Oferecer subsídios para a formulação das políticas educativas mediante o estudo da prática educativa ao nível das ciências aplicadas à educação e da reflexão teórica;
- Estimular o desenvolvimento das ciências da educação no país e a elaboração do pensamento pedagógico nacional.

A pesquisa educacional foi enfatizada como a própria substância do doutorado que era proposto naquele momento ao Ministério de Educação e Cultura. No texto, que foi apresentado como peça do pedido da autorização, é reforçada a relação dialética entre teoria e experiência, lembrando-se que a pesquisa da realidade educativa brasileira devia ser múltipla de maneira que possibilitasse elaborações teóricas para orientação e aplicação de seus resultados.

O documento chega à conclusão de que o doutorado não é uma especialização aprofundada, nem uma intensidade maior de estudos ou um aperfeiçoamento técnico para a solução de problemas que já existem. O doutorado é sintetizado como a possibilidade de desenvolvimento do pensar crítico e criativo, na ampliação dos horizontes culturais e no estímulo à capacidade de identificação de novos problemas, com o questionamento do que se chamou a sabedoria convencional, pesquisando-se novas soluções.

A partir de 1980, sob a coordenação do Prof. Newton Sucupira, o doutorado da Faculdade de Educação da UFRJ começou suas atividades, seguindo o projeto inicial. Com satisfação e orgulho, verificamos que aquilo que foi sistematizado neste Breve Histórico germinou e fez crescer uma frondosa árvore plena de frutos que são oferecidos nestes cinquenta anos e continuarão a se multiplicar no futuro.

2. A constituição do PPGE por linhas de pesquisa

*Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro
Carlos Frederico Bernardo Loureiro
André Bocchetti
Libânia Nacif Xavier
Mônica Pereira dos Santos
Mariane Campelo Koslinski*

As linhas de pesquisa se apresentam como elementos de grande importância na constituição de um Programa de Pós-Graduação. Ao apontar temáticas, questões e formas de abordagens dos objetos que se definem como foco de estudos, as linhas de pesquisa que ora apresentamos demonstram como o PPGE-UFRJ foi se organizando ao longo do tempo. As linhas foram se formando dentro do PPGE-UFRJ e, simultaneamente, o constituíram tal como ele se apresenta no ano de 2022, em que comemoramos os seus cinquenta anos de existência. Como se pode perceber, os itinerários de formação e consolidação de cada linha são singulares, mas o seu conjunto resulta em um todo harmonicamente articulado com vistas a promover, cada uma a seu modo, conhecimentos sobre o campo profissional, acadêmico e de produção de políticas públicas em educação. As descrições que se seguem foram elaboradas pelos atuais coordenadores de linha do PPGE-UFRJ, com o intuito de traçar um retrato de sua configuração nos dias atuais. Como a leitura demonstra, elas são resultado de dinâmicas e temporalidades que se entrecruzam, expondo o permanente jogo entre as heranças do passado, as acomodações sempre instáveis do presente e as potencialidades que anunciam os desdobramentos futuros das pesquisas desenvolvidas no Programa. Passemos, agora, à apresentação das seis linhas de pesquisa.

Currículo, ensino e diferença

Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro

Os estudos sobre currículo emergem com força no PPGE em perspectiva crítica, no âmbito dos debates provocados pela chamada Nova Sociologia da Educação, ao final da década de 1980, quando o professor Antonio Flávio Barbosa Moreira retorna de seu doutoramento no Instituto de Educação da Universidade de Londres, sob a orientação de

Michael Young e Robert Cowen. Em sua tese, publicada em livro sob o título de *Currículos e Programas no Brasil* pela editora Papirus, em 1990, Antonio Flávio focaliza a emergência desse campo no Brasil em perspectiva histórica, ao mesmo tempo em que aborda a sua constituição como uma disciplina universitária.² Questionando análises reducionistas do fenômeno da Transferência Educacional e da História do Currículo, o autor focaliza três períodos básicos: o primeiro (décadas de 1920 e 1930), que corresponde às origens do campo como área de estudo no Brasil; o segundo (final da década de 1960 e início dos anos 1970) que se refere ao período no qual o campo toma forma e a disciplina Currículos e Programas emerge em nossas faculdades de educação; o terceiro (1979 a 1987) que se caracteriza pela eclosão de intensos debates sobre currículos e conhecimento escolar, bem como por tentativas de reconceitualização desse campo disciplinar. Ao mobilizar o conceito de Transferência Educacional considerando interações, mediações e resistências, a tese de Antonio Flávio se configura como uma obra basilar para a compreensão da constituição do campo do Currículo no Brasil.

Ao retornar ao Brasil, em 1989, passou a trabalhar com a então diretora da Faculdade de Educação, professora Sérvula Paixão, também estudiosa do campo. Ministrou com ela uma disciplina no curso de Mestrado em Educação e criou o Núcleo de Estudos de Currículo-NEC, no qual se desenvolveram os primeiros estudos na casa em História do Currículo, abordando: o estudo do pensamento curricular brasileiro e a história das disciplinas escolares. Diálogos com autores como Michael Apple, Henry Giroux, Ivor Goodson, Thomas Popkewitz e Stephen Ball, e parcerias com pesquisadores brasileiros, como Tomaz Tadeu da Silva e José Luiz Domingues, possibilitaram a publicação de obras pioneiras e decisivas para a afirmação do campo.

Desde então, essa linha de pesquisa vem se constituindo como um potente espaço de produção acadêmica no campo do Currículo. Tendo passado por diferentes nomeações – *Currículo e linguagem*, *Currículo*, *docência e linguagem* e, atualmente, *Currículo, ensino e diferença* –, essa linha vem incorporando novos docentes e, ao fazê-lo, vai produzindo outras interfaces do campo com autores e teorizações diversas. É nesse movimento que vêm sendo realizadas investigações interessadas nas relações entre currículo e docência, sujeito e poder, conhecimento e cultura, história e política. Hoje, a linha de pesquisa Currículo, ensino e diferença reúne onze pesquisadores desenvolvendo e orientando estudos que exploram, em variadas perspectivas teóricas, a interface entre educação,

² BARBOSA, Antônio Flávio, *Currículos e Programas no Brasil*, São Paulo: Editora Papirus, 1990.

currículo, poder, ensino e diferença. Tais investigações abordam: a história de currículos e disciplinas acadêmicas e escolares; os processos de produção e distribuição social dos conhecimentos nas diversas áreas disciplinares; as políticas de currículo; o ensino, suas materialidades e os fazeres curriculares, o trabalho e os saberes docentes; os discursos e os processos de subjetivação; a corporificação; o gênero, a sexualidade, o afeto e a diferença; a educação antirracista; os feminismos negros e interseccionais.

Estado, Trabalho-Educação e Movimentos sociais

Carlos Frederico Bernardo Loureiro

A linha de pesquisa *Estado, Trabalho-Educação e Movimentos Sociais* foi criada em junho de 2015, reunindo os seguintes professores: Carlos Frederico Bernardo Loureiro do LIEAS - Laboratório de Investigações em Educação, Ambiente e Sociedade; Roberto Leher, Paolo Vittoria e Vânia Cardoso da Motta do COLEMARX - Coletivo de Estudos Marxismo e Educação; José Jairo Vieira dos laboratórios LAPEADE - Laboratório de Pesquisa, Estudos e apoio à Participação e à Diversidade em Educação e LABEC - Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo.

Hoje temos como novos integrantes os professores: Bruno Gawryszewski e Fábio Soares de Souza que integram ao Colemarx e Marcelo Paulo de Melo do Coletivo de Estudos de Política Educacional da UFJF.

A linha de pesquisa reúne estudos e pesquisas no campo trabalho-educação, tendo em vista a análise das condições históricas, políticas, sociais, ideológicas, econômicas e culturais do processo educativo, considerando sua dimensão escolar. Coloca em relevo a teoria social crítica, a teoria do conhecimento e a teoria política, em diferentes abordagens, para apreender as políticas públicas de educação e socioambientais e o protagonismo dos diversos movimentos sociais nesta dinâmica. As pesquisas envolvem questões relativas à formação humana na perspectiva do trabalho e às práticas sociais, educacionais e escolares conexas.

O grupo de professores-pesquisadores teve a identificação construída em suas pesquisas no campo do trabalho-educação, tendo em vista a centralidade em políticas públicas de educação e socioambientais e as temáticas de pesquisa voltadas para questões do conhecimento escolar, da formação do trabalhador e do professor; do trabalho

docente; dos movimentos sociais e da educação popular; do processo de mercantilização da educação pública superior e básica; financiamento da educação pública.

Problematiza a relação trabalho-educação nos movimentos estruturais e conjunturais da sociedade capitalista e na especificidade da formação social brasileira e da América Latina, na perspectiva da totalidade histórica – das contradições, das mediações e das determinações históricas sociais. Entendemos que a justa relação entre os movimentos estruturais e conjunturais expressa a organicidade que imprime as relações de produção, sociais e de poder em uma determinada formação social e histórica.

Daí enfatizarmos a importância de problematizar as análises contemporâneas sobre o Estado e Sociedade Civil, tendo em vista os desdobramentos educacionais e possíveis alternativas; identificar os grupos sociais organizados, bem como, as organizações internacionais e regionais, em especial, aqueles que estão protagonizando determinada dinâmica de correlações de forças nos âmbitos dos debates sobre: educação escolar básica e superior; trabalho docente e formação de professores; movimentos sociais e sindicais relacionados às temáticas do trabalho, financiamento e financeirização da educação pública, da educação ambiental, da educação popular, de questões de gênero, raça e corpo e da “questão social” – esta expressa nas políticas de alívio da pobreza.

A partir deste âmbito, a linha objetiva ampliar e sistematizar nas pesquisas e nas ações culturais as relações entre Universidade e Movimentos Sociais, tornando mais orgânica e articulada esta relação, recriando e ampliando o debate acerca do espaço político da educação popular frente à expansão do capital, aprofundando os desafios e as problemáticas que perpassam os atos educativos em diferentes níveis.

Formação Docente, Linguagens e Subjetividade

André Bocchetti

Entre as mais novas linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação está a de “Formação Docente, Linguagens e Subjetividade”. Surgida em outubro de 2019, ela é o resultado de um longo processo de discussão que reorganizou a antiga linha “Currículo, Docência e Linguagem” em duas outras – derivando desse movimento, além dela, também a linha “Currículo, Ensino e Diferença”. A linha “Formação Docente, Linguagens e Subjetividade” congrega pesquisadores(as) e grupos de investigação atentos às diferentes linguagens e aos modos de produção de

subjetividade que atravessam os processos formativos. Sua composição atesta a diversidade conceitual, teórica e metodológica que marca as investigações em torno dessa temática; evidência disso é que, atualmente, a linha agrupa investigadores(as) vinculados a onze grupos de pesquisa distintos e a cinco laboratórios que desenvolvem seu trabalho no âmbito da Faculdade de Educação e do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Atualmente, a exploração de diferentes linguagens a partir de seus modos de manifestação, expressão e produção, bem como a atenção aos aspectos subjetivos a elas inerentes, diversificam e enriquecem as possibilidades de investigação dos processos formativos, comuns aos estudos realizados pelos(as) pesquisadores(as) que se reúnem na linha. É nesse contexto que os estudos de processos de formação variados, nos campos das artes visuais, do teatro, da dança, da música, do cinema ou da literatura se somam e se cruzam a reflexões em torno de problemáticas sociais especificamente voltadas à formação docente, dedicadas a aspectos do desenvolvimento profissional e do lugar da leitura, da escrita, do corpo e do sensível na vida e no fazer de professores(as). A envergadura desses estudos faz com que a linha “Formação Docente, Linguagens e Subjetividade” receba anualmente a muitos estudantes que, de modo mais abrangente, encontram nas relações entre linguagens, poder e processos formativos o mote de suas pesquisas.

História, Sujeitos e Processos Educacionais

Libânia Nacif Xavier

A linha de pesquisa História, Sujeitos e Processos Educacionais foi criada em janeiro de 2013, como forma de dar visibilidade aos estudos e pesquisas que buscam compreender os processos de mediação cultural, em geral, assim como os processos educacionais, em particular. A abordagem prestigia uma perspectiva histórica, isto é, em atenção à configuração desses processos ao longo do tempo e nos espaços em que se sucederam. Desde então, a linha vem contando com a participação de professores das disciplinas ligadas ao ensino da História da Educação, no Curso de Pedagogia, bem como da disciplina Educação Brasileira, também ofertada para as demais Licenciaturas. O espaço de desenvolvimento de pesquisas, de formação de novos pesquisadores e professores, bem como a produção de referências para novas pesquisas, por meio da preservação de documentos e fontes históricas concernentes à educação, suas instituições,

veículos e sujeitos é o Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade – Proedes/UFRJ.

Como outros Centros de Documentação, a fundação do Proedes foi resultado da necessidade de organizar e sistematizar fontes documentais da Faculdade Nacional de Filosofia, estrutura institucional que antecedeu a Faculdade de Educação (FE) e seu Programa de Pós-Graduação (PPGE). Resultado dos levantamentos e achados da pesquisa da Professora Maria de Lourdes Fávero, o Proedes foi criado em 1987, com vistas a inventariar e disponibilizar tais fontes à consulta pública. Em seguida, foi aprovado nas instâncias decisórias pertinentes. Teve continuidade assegurada com o processo de renovação dos quadros docentes da FE e do PPGE, iniciado em fins dos anos 1990, agregando novos professores e pesquisadores. No ano de 2000, o Proedes sediou o I Congresso Brasileiro de História da Educação, além de sediar, por mais quatro anos (2000 a 2004) a secretaria da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). A partir de então, seus professores e pesquisadores passaram a integrar uma ampla rede de estudiosos da História da Educação, em nível nacional e internacional, em especial latino-americano e luso-brasileiro, participando de Congressos, Projetos e Intercâmbios.

Como se encontra registrado no site do PPGE-UFRJ, o foco das pesquisas articuladas a esta linha se volta para o estudo dos processos educacionais em suas formas institucionalizadas, ou articulada a movimentos sociais e pedagógicos mobilizados em tempos e espaços historicamente situados. Procede, também, à análise da intervenção de sujeitos e grupos articulados em torno a projetos educacionais específicos, às práticas culturais e às representações sociais que conformam a educação em suas dimensões material e simbólica. Entre os docentes atualmente vinculados à linha estão os seguintes professores: Diana Gonçalves Vidal (colaboradora); José Cláudio Sooma Silva; Libânia Nacif Xavier e Victor Andrade de Melo

Inclusão, Ética e Interculturalidade nos Processos de Ensino-aprendizagem

Mônica Pereira dos Santos

Esta linha começou a ser pensada, discutida e elaborada em 2010 e foi aprovada em 2013 pelo PPGE. Ela foi a 4ª. Linha a ser criada em nosso Programa, preocupando-se, em particular, com o tema da Diversidade, reconhecendo-o como foco de interesse cada vez maior nas ciências, em particular nas Ciências Humanas e Sociais e, dentro

destas, no campo da Educação. Sua materialidade nos meios científicos é tão grande que ela se reflete em pelo menos dois *fori* relevantes à Educação dignos de menção para efeitos de construção da linha, posto que estão intimamente ligados a ela: o MEC e a ANPED.

No que tange à ANPED, desde a criação dos seus primeiros 8 GTs, no ano de 1981, houve um crescimento de 187,5% ao longo dos 31 anos seguintes até o momento da criação da linha, em 2013. Nesta época, haviam, 23 GTs na ANPED. Cada um deles representando áreas com temáticas de pertinência social, política e acadêmica ao campo educacional. Alguns concentravam (embora não esgotassem) seu foco nos diferentes níveis de ensino, como, por exemplo, os GTs 07 (Educação de Crianças de 0 a 6 anos) e 13 (Educação Fundamental). Outros, nas modalidades, a exemplo dos GTs 15 (Educação Especial), 18 (Educação de Pessoas Jovens e Adultas), 21 (Educação e Relações Étnico-Raciais), 22 (Educação Ambiental) e 23 (Gênero, Sexualidade e Educação). Outros, ainda, nas chamadas áreas de Fundamentos da Educação, como os GTs 02 (História da Educação), 14 (Sociologia da Educação), 17 (Filosofia da Educação) e 20 (Psicologia da Educação).

Havia, também, os GTs que se concentravam em torno da Didática e suas áreas específicas, como por exemplo os GTs 04 (Didática), 10 (Alfabetização, Leitura e Escrita), 16 (Educação e Comunicação), 19 (Educação Matemática) e 24 (Educação e Arte). Além disso, haviam dois GTs que focalizavam seus trabalhos em torno do tema das políticas educacionais: O GT 05 (Estado e Política Educacional) e o GT 11 (Política de Educação Superior) e, por fim, os que consideramos os GTs que enfocavam temas basilares tendo em vista os níveis e modalidades de nossa Educação. Era o caso dos GTs 03 (Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos), 06 (Educação Popular), 08 (Formação de Professores), 09 (Educação e Trabalho) e 12 (Currículo).

Curioso perceber que nenhum dos GTS mencionava, em seus títulos, os termos Inclusão, Ética ou Interculturalidade. Intrigados com esta verificação, pressupomos que tais temáticas pudessem estar contempladas em suas ementas e/ou missões e realizamos uma consulta a elas. Como resultado desta consulta para cada grupo, encontramos materiais relativos a apenas 9 dos 23 GTs, disponíveis no site da ANPED.

Após a leitura dos materiais, vimos que a maioria deles não eram missões/ementas sobre/do grupo, mas sim, relatórios sobre sua participação e tarefas cumpridas nas reuniões anuais da ANPED. Observamos ainda que em nenhum deles havia a menção aos temas da Interculturalidade, Ética e Inclusão como sendo de preocupação central às

produções destes grupos. Estes temas só apareciam como secundários e/ou complementares às temáticas centrais dos GTs. Foi o caso dos relatórios que pudemos analisar, que continham sessões especiais montadas por alguns dos GTs com foco específico em Inclusão, Interculturalidade e Ética, ou que os contemplavam secundariamente em seus interesses.

Por outro lado, ao realizarmos um levantamento da atual estrutura do Ministério da Educação (MEC), destacamos quatro de suas Secretarias à época que eram diretamente vinculadas ao MEC e cuja função central era planejar, orientar, coordenar e supervisionar o processo de formulação e implementação das Políticas Nacionais de Educação: a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC); a de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI); a de Educação Básica (SEB); e a de Educação Superior (SESU). Cada uma destas Secretarias compreendia a uma série de Diretorias, que cuidavam de seus temas e metas específicos.

Assim é que a SETEC possuía as seguintes Diretorias: 1) Diretoria de Desenvolvimento da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica; 2) Diretoria de Políticas de Educação Profissional e Tecnológica; e 3) Diretoria de Integração das Redes de Educação Profissional e Tecnológica. A SECADI possuía as Diretorias de: 1) Políticas de Educação Especial – DPEE; 2) Políticas para Educação no Campo e Diversidade – DPECAD; 3) Políticas de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos – DPAEJA e 4) Políticas de Direitos Humanos e Cidadania – DPDHC. A SEB era composta pelas seguintes Diretorias: 1) Diretoria de Currículos e Educação Integral; 2) Diretoria de Formulação de Conteúdos Educacionais; e 3) Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Já a SESU continha as Diretorias de Desenvolvimento da Rede de Instituições Federais de Ensino Superior e de Políticas e Programas de Graduação.

O que pudemos identificar a partir do organograma do MEC foi que a Educação brasileira à época (2013) encontrava-se fortemente norteadas pelos temas que propúnhamos como foco central para a linha: Inclusão, Ética e Interculturalidade, já que se encontravam em sintonia com muitas das ações das secretarias acima mencionadas.

Dessa forma, vimos uma grande proximidade com os objetivos e ações propostos pela Diretoria de Política de Educação em Direitos Humanos e Cidadania do MEC com o que pretendemos desenvolver com a criação da linha Inclusão, Ética e Interculturalidade nos Processos Ensino-aprendizagem. Urgia a necessidade de desenvolvermos e divulgarmos pesquisas educacionais sobre a temática da formação docente em direitos humanos, para que pudéssemos modificar práticas excludentes que ocorriam (e ocorrem)

nos cotidianos de instituições educacionais, e que afetavam crianças e jovens que não se enquadravam nos padrões normatizados pela escola e pela sociedade de maneira geral.

Assim, a presente Linha tem por foco central a compreensão da Educação a partir de referenciais relativos à inclusão, direitos humanos, interculturalidade e criatividade, considerando suas contribuições sócio-políticas, psicológicas e culturais ao entendimento dos processos ensino-aprendizagem e da experiência educacional. Os estudos que ela compreende preocupam-se com a análise e produção de conhecimento em níveis micro, meso e macro, articulados a categorias como: poder; corporeidade; descolonização; diferenças; diversidade; igualdade/desigualdade; práticas pedagógicas, psicopedagógicas, sociais e discursivas; justiça social; cidadania; princípios éticos, estéticos e morais. Tais temáticas são investigadas nos processos educacionais desenvolvidos dentro e fora da escola, na família e nos espaços educativos não-formais.

Políticas e Instituições Educacionais

Mariane Campelo Koslinski

Nos anos de 1990, antes de se organizar a partir de linhas de pesquisas, o PPGE/UFRJ já apresentava eixos estruturantes com foco na história, estrutura e destinatários das instituições educacionais. Dois movimentos contribuíram para a gênese e consolidação da linha: de um lado a reunião de professores que buscavam fortalecer e irrigar a pesquisa na área educação, a partir de um escopo teórico da sociologia, da antropologia e da história. Além do desenvolvimento de pesquisas com foco nas instituições escolares, frente à maior estruturação do Ministério da Educação e do INEP, os professores da linha também passaram a utilizar este escopo teórico para análises mais sistemáticas de políticas educacionais. Assim, em 2006, com a reestruturação do PPGE/UFRJ, a linha adquiriu seu nome atual “Políticas e Instituições Educacionais”. Inicialmente, as pesquisas desenvolvidas tinham como foco as instituições escolares, do ponto de vista da sua estrutura e cultura organizacional e dos condicionantes políticos e sociais que interferiam no seu modo de funcionamento. Tais estudos abordavam, de um lado, o processo histórico de organização dos sistemas ou redes de ensino em consonância com o contexto sociopolítico que os forjaram. De outro, priorizavam a compreensão dos efeitos das políticas do Estado sobre a educação escolar - da educação básica ao ensino superior, com ênfase em processos de inclusão / exclusão e de democratização /

reprodução, da dualidade escolar, entendida em suas diversas dimensões: do propedêutico e do terminal, do laico e do religioso, do público e do privado.

Com a entrada de novos professores e a formação de novas linhas de pesquisa no PPGE, a linha de política e instituições educacionais passou a concentrar seu enfoque teórico na área da sociologia e da antropologia da educação. Atualmente, reúne investigações centradas nos processos de formulação, implementação e avaliação de políticas educacionais. Analisa fenômenos relacionados às correlações entre desigualdades sociais e educacionais, tais como hierarquização, estratificação e segregação. A linha, como em sua origem, continua a promover reflexões sobre as instituições educacionais, discutindo a organização interna e os aspectos propriamente pedagógicos; as relações das escolas com as famílias, as interações entre as unidades educacionais e os sistemas públicos e/ou privados de educação, assim como as dinâmicas de gestão presentes nas redes de ensino e nas políticas de educação voltadas para crianças e jovens. A linha inclui estudos que focalizam tanto a educação básica quanto o ensino superior e utiliza diversos procedimentos e recursos metodológicos qualitativos e quantitativos de pesquisa.

3. Depoimentos de ex-coordenadores do PPGE-UFRJ

Apresentamos, a seguir, as memórias de ex-coordenadores do PPGE que exerceram esta função a partir dos anos 2000. Nos anos 1990, os mandatos eram de dois anos e muitos fizeram um mandato e meio ou dois mandatos. Em 1997, os coordenadores já eram eleitos, mas não havia uma regulamentação sobre isso. As memórias registradas pelos ex-coordenadores trazem alguns flashes das dinâmicas que marcaram a trajetória do nosso Programa.

DEPOIMENTO POR OCASIÃO DOS 50 ANOS DO PPGE/UFRJ

Antonio Flavio Barbosa Moreira

Gostaria de iniciar agradecendo a oportunidade de estar presente nesta comemoração dos 50 anos do Programa de Pós-Graduação da UFRJ, do qual participei, como aluno de Mestrado, da segunda turma iniciada em 1974.

Durante o período em que coordenei o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 1995 a 1997, a professora Marlene Alves de Oliveira Carvalho dirigiu a Faculdade de Educação, com segurança e grande competência. Com ela, estabelecemos uma parceria exitosa, uma comunicação profícua, que certamente contribuiu para garantir o bom andamento de nossos projetos e iniciativas e para difundir o nome de nossa Faculdade.

Nessa ocasião, buscamos incentivar a elaboração de um novo currículo para a pós-graduação e favorecer o desenvolvimento de estudos e de linhas e grupos de pesquisas. Estimulamos os docentes a apresentarem projetos de investigação ao CNPq, assim como favorecemos a entrada e a atuação de pesquisadores jovens no Programa, sugerindo sua associação inicial com professores mais experientes. Procuramos convidar pesquisadores de outros Programas a participar de bancas de defesas de teses e dissertações, bem como de encontros em que questões relevantes e atuais da educação fossem levantadas e discutidas. Nesses momentos, procuramos sempre acentuar a qualidade e a importância do trabalho realizado por docentes e discentes.

Propiciamos o crescimento do setor acadêmico do Programa, organizando reuniões semanais e fortalecendo um estimulante ambiente de pesquisa na pós-graduação. Iniciamos um processo de internacionalização do Programa, buscando o estabelecimento de vínculos com pesquisadores estrangeiros, principalmente portugueses, entre os quais destacamos os Professores José Augusto Pacheco, José Carlos Morgado e Palmira Alves, todos da Universidade do Minho. Procuramos favorecer a formação de elos do Programa com a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED), incentivando a participação de nossos docentes e discentes em suas reuniões anuais.

Organizamos ainda um seminário comemorativo dos 25 anos do Programa, com a participação de palestrantes nacionais e internacionais, entre os quais destacamos os nomes dos professores Maria Malta Campos, que proferiu a conferência de abertura, do pesquisador francês Jean Claude Forquin, do Instituto Nacional de Pesquisa Pedagógica e do professor Donaldo Macedo, da Universidade de Boston. O objetivo do referido seminário foi apresentar estudos que contribuíssem para o desenvolvimento da educação, sobretudo no ensino básico, no qual, na época, se concentravam as maiores deficiências devido à falta de investimentos. O mencionado encontro, que contou com expressivo número de participantes, ocorreu no Salão Pedro Calmon, na UFRJ.

Quero hoje agradecer a todos os que contribuíram para a realização do significativo evento que ora se realiza. Sua importância é indiscutível, por favorecer o encontro de renomados pesquisadores e docentes, bem como a discussão de temáticas relevantes e atuais. Desejamos também destacar que nosso trabalho na coordenação foi facilitado pela colaboração de nossa coordenadora adjunta, Profa. Mabel Tarré Carvalho de Oliveira. Ressaltamos, ainda, o competente trabalho desenvolvido, por vários anos, pelas técnicas Rosângela Campos e Maria Ivone Jardim, junto ao Programa de Pós-Graduação. Suas corretas atuações foram indispensáveis para garantir o sucesso e o bom andamento das atividades nele empreendidas.

Desejamos que o Programa se faça cada vez mais presente, efetivo e expressivo no cenário da educação brasileira. Esperamos que continue a propiciar a formação de novos pesquisadores, bem como a produção de significativos estudos e análises referentes aos problemas, possibilidades e rumos de nossa educação.

Renovamos nossos agradecimentos e expressamos nossa satisfação por podermos participar deste importante encontro. Muito obrigado.

OS 50 ANOS DO PPGE DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFRJ

Marlene Carvalho

Agradeço de coração o convite para participar deste evento que comemora os primeiros 50 anos da Pós-Graduação da nossa Faculdade. A data tem significado especial para mim, que fui aluna da primeira turma do Mestrado, iniciado em 1972. Muito me honra constar da lista de ex-coordenadores, embora minha passagem pela função tenha sido meteórica e bastante tumultuada. Como disse a rainha Elizabeth II, o ano de 2000 foi para mim o *annus horribilis*.

Eu tinha acabado de terminar o mandato de diretora da Casa e assumi a coordenação da Pós, eleita pelo Colegiado, tendo sido a designação publicada no Diário Oficial de 12 de agosto de 1999 e no Boletim da UFRJ de 26 de agosto.

Vivíamos uma grave crise institucional. No interior da UFRJ, o reitor escolhido pelo Ministro da Educação não foi o saudoso professor Aluísio Teixeira, primeiro colocado da lista tríplice resultante da consulta feita à comunidade. Isso gerou protestos contínuos e acalorados da parte dos alunos e dificuldades administrativas de toda ordem porque o reitor escolhido não tinha diálogo com a maioria dos diretores das unidades. No âmbito da Faculdade de Educação, houve drástica redução das verbas e a saída inopinada de dezenas de professores que fugiam das mudanças anunciadas no regime das aposentadorias.

Após um processo eleitoral complicado, a direção da Casa foi assumida por uma professora que não contava com apoio do corpo docente da Pós. Não consegui dar continuidade ao excelente trabalho que Antonio Flavio havia feito porque a diretora me destituiu da função logo depois tomou posse, em janeiro de 2000, apoiando-se no antigo regimento que lhe permitia indicar o coordenador. Em protesto contra as arbitrariedades da direção, que não respeitou a autonomia do Colegiado, um grupo majoritário de professores, do qual eu fazia parte, decidi sair da pós-graduação.

As lembranças que trago da época são dúbias. Por um lado, foi muito difícil assistir ao desmonte do Programa, que até então estava crescendo, gozava de prestígio nacional, produzia teses e dissertações relevantes e recebia a cada ano um número crescente de candidatos ao mestrado e doutorado. Por outro lado, tivemos o triste consolo de receber apoio explícito de coordenadores de Pós de todo o país, de universidades públicas e particulares, que diariamente enviavam mensagens ao Programa protestando

contra a nossa saída do cenário. O apoio da comunidade acadêmica foi gratificante para nós e desgastante para o Coordenador, mas não mudou a realidade.

No plano pessoal, passei a fazer parte da equipe que dirigia a Decania, como Coordenadora de Extensão do CFCH. Permaneci na função até 2002, quando pedi aposentadoria após mais de trinta anos de trabalho na Casa.

A crise que relatei são águas passadas, lá se vão 22 anos. Os demais colegas ex-coordenadores convidados para esta mesa certamente vão contar como foi possível reconstruir o Programa, ampliar o corpo docente, atrair candidatos, multiplicar as bolsas de estudos, produzir dezenas de trabalhos significativos, organizar seminários, encontros e congressos com nomes de prestígio nacional e internacional e alcançar nota elevada na avaliação da CAPES. Tem sido um trabalho longo e difícil, baseado em talento, responsabilidade e determinação, que enche de orgulho a UFRJ.

Eu gostaria de estar com vocês esta noite, rever amigos, relembrar a trajetória coletiva da qual fiz parte, primeiro como aluna, depois docente e coordenadora relâmpago. Infelizmente o COVID me obriga a permanecer em casa; fico por aqui, desejando aos colegas da FE muitos outros êxitos nos anos que virão.

UMA FELIZ CAMINHADA

Renato José de Oliveira

No poema “Caminante no Hay Camino”, o poeta espanhol Antonio Machado, escreve em versos que tomo a liberdade de traduzir: *Caminhante não há caminho/o caminho se faz ao andar/ao andar se faz o caminho/e voltando-se a vista para trás/vislumbra-se a trilha/que jamais se voltará a pisar.*

Na medida em que não há como reencontrar exatamente os mesmos passos, a reconstituição da trajetória que cumpri como coordenador do PPGE não tem como deixar de ser uma mistura entre trilhas nítidas e aquelas já meio apagadas pelo curso do tempo. A memória, tal como a titânide Mnemosine, persevera contra os perigos do esquecimento, e é com essa perseverança que escrevo este breve relato. Eram tempos difíceis. 2004 começava com enormes desafios para a nova direção da Faculdade de Educação, integrada pelo Professor Marcelo Corrêa e Castro e por mim. Fui então eleito pelo Colegiado do PPGE para coordenar o Programa durante dois anos.

Sem dúvida, a tarefa maior que se colocava para o PPGE era a de resgatar sua credibilidade junto à UFRJ e no cenário educacional brasileiro. Esse objetivo demandava esforços para elevar a conceituação do Programa na avaliação da CAPES referente ao triênio 2004-2007. Tal meta não foi especificamente alcançada, mas tenho certeza de que as linhas mestras para uma melhor avaliação, obtida tempos depois, foram traçadas.

Coordenar o PPGE não foi, naturalmente, uma missão solitária. Não fosse a grande colaboração prestada pela maioria dos professores do Colegiado, que abraçou de corpo e alma o propósito de reerguer o Programa, meus planos e ações teriam caído no vazio. E também não prosperariam caso o corpo discente não tivesse acreditado firmemente que era possível superar a condição ruim em que nos encontrávamos. Estando à frente de um monumental esforço coletivo de reconstrução, tive, sem dúvida, momentos de frustração e desânimo, mas não posso deixar de dizer que graças ao apoio dos que me cercaram pude encará-los como percalços próprios da caminhada, percalços pelos quais era imprescindível passar. Era imprescindível porque, sendo mestres por vezes rigorosos, os problemas enfrentados ministraram lições que me permitiram crescer como gestor, como pesquisador e como docente.

Para esse crescimento, contribuiu muito também a relação dialógica que mantive com os membros da Comissão Deliberativa do PPGE. Toda tomada de decisões é um processo difícil, não apenas porque os erros estão sempre à espreita, mas porque não há como agradar a tantos quantos uma deliberação atinge. É preciso preservar a serenidade quando se erra e não ser tomado pela vaidade quando se acerta. Equilíbrio desafiador, busca incansável da *sophrosine*, da justa medida cuja receita nenhum humano tem nas mãos. Não a tendo, procurei por meio do diálogo com meus pares chegar às dosagens que me pareceram adequadas, nunca me furtando a corrigi-las quando se fazia necessário.

Falar e ouvir – ao invés de falar para ser ouvido e seguido –, condição inalienável das práticas dialógicas, foram verbos pelos quais diuturnamente me guiei, e da complementaridade entre eles nasceram os momentos mais gratificantes que tive no exercício do cargo. Prefiro não mencionar este ou aquele episódio, esta ou aquela alegria; individualmente, uma árvore é só uma árvore, mas o conjunto delas compõe a floresta cuja imagem não desapareceu passados os anos.

Sinto-me, portanto, feliz por ter contribuído para que o PPGE seja hoje o que é, um programa de pós-graduação *Stricto Sensu* respeitado nacionalmente. Daqui saíram e continuam a sair discentes comprometidos com a causa maior que norteia a docência e a pesquisa: lutar por uma educação democrática e de qualidade em nosso país. Daqui,

portanto, partiram e partem caminantes. No ritmo diferenciado dos seus passos eles fizeram e fazem o caminho que o descaso de alguns governantes e a má fé de outros quiseram ou querem interditar, mas nunca haverão de conseguir. Parabéns, PPGE, parabéns pelos 50 anos!

UM PEQUENO DEPOIMENTO POR OCASIÃO DOS 50 ANOS DO PPGE/UFRJ

Ana Maria Cavaliere

Em junho de 2006, assumi a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação que ainda se recuperava de uma longa e conhecida crise institucional que desestabilizou o então já tradicional PPGE e abalou seriamente a própria Faculdade de Educação da UFRJ. Permaneci no cargo até outubro de 2009.

A crise da FE associava-se à crise mais ampla da UFRJ, a partir da nomeação pelo ministro da Educação de um reitor com pouca legitimidade na comunidade acadêmica. Nesse contexto, a coordenadora eleita do PPGE, professora Marlene Carvalho, foi arbitrariamente afastada de seu cargo pela então diretora da Faculdade de Educação.

Após um período de quatro anos de luta permanente nos espaços democráticos da FE e da UFRJ, de saída coletiva da maioria dos professores do PPGE, e de queda vertiginosa da qualidade do trabalho acadêmico nos cursos de Mestrado e Doutorado, novos ventos sopraram na Faculdade de Educação com a eleição para a direção do professor Marcelo Corrêa e Castro. Em 2004 os professores retornaram ao Programa. Nessa altura, um novo reitor havia assumido, professor Aloísio Teixeira, desta vez, alguém plenamente representativo da comunidade da UFRJ. Em 2006 recebi a tarefa de dar continuidade à recuperação do PPGE, iniciada em 2004 pelo professor Renato José de Oliveira, o qual passaria à direção da FE.

Com a perda das referências de qualidade, os critérios de cadastramento de professores e admissão de alunos foram perdidos. Em nossa gestão, tivemos que, ao mesmo tempo, garantir os direitos dos alunos, reorganizar - com exclusões e inclusões - o quadro de professores, criar novos regulamentos e práticas, partindo de uma situação de “terra arrasada”. Durante os três anos e meio em que estive no cargo, os apoios da

direção da FE, da secretaria do PPGE - especialmente de Solange Rosa e da Pró-reitoria foram fundamentais, assim como da equipe de colegas, reforçada com novos professores e incansável nesse trabalho de recuperação. Foi um processo que deixou cicatrizes, mas a compensação pelo esforço chegou em 2010 quando o PPGE, já sob a coordenação da professora Carmen Teresa Gabriel, saltou, na avaliação da CAPES do triênio 2007-2009, do nível 3 para o nível 5.

Hoje, basta olharmos o tamanho do programa, três a quatro vezes maior do que na primeira década do século, para compreendermos o quanto tudo mudou. Mudanças sempre trazem desconfortos e mesmo algumas perdas, mas não tenho dúvidas de que, no cômputo geral, os ganhos são imensos. Do cantinho da minha aposentadoria, tenho o hábito de visitar a página do PPGE e posso constatar o dinamismo, a renovação permanente, a ampliação temática da pesquisa. Verdade: às vezes temo pela dispersão excessiva dos temas de estudo, às vezes por certo imediatismo entre realidade e pesquisa (tempos muito rápidos...); também por alguns temas que minguaram. Sem saudosismos, mas olhando para frente, acho que é sempre saudável refazer a pergunta: para onde estamos indo? Ah! Não posso esquecer! Tenho visto a fortíssima presença das escolas e dos professores da Educação Básica do Rio de Janeiro e do Brasil nos estudos do PPGE. Nada, me parece, é tão imprescindível!

Percebo com satisfação que o foco nos indivíduos pesquisadores se transfere gradualmente para o foco nos grupos de pesquisa. São novas formas de construir conhecimento que atendem à complexidade do mundo contemporâneo. A consolidação do trabalho coletivo, coordenando professores e alunos entre si e entre diferentes programas de Pós-graduação pelo país ainda está em construção, mas parece ser o futuro da pós-graduação. Minha geração viveu a dor e a delícia do crescimento, da “massificação”, da chegada das trocas intensas e imediatas. Por óbvio, resultam disso algumas perdas: como não constrições forças criativas individuais? Como não deixar que a regulamentação mais rígida em função dos financiamentos mais expressivos e, em muitos aspectos indutora de métodos, prazos e formatos, imponha seu poder sobre particularidades e necessidades singulares da pesquisa em certas circunstâncias e áreas do conhecimento?

O crescimento e a democratização exigiram mais regulamentações, mais avaliações sistemáticas e mais transparência nos processos. Junto com isso, mais e mais trabalho de cunho coletivo-organizacional a ser realizado por todos, professores, técnicos e também alunos. É o preço da democracia e, com certeza absoluta, vale à pena. Saibam

que hoje, quando olho meu currículo Lattes, modesto para os padrões atuais, vou me lembrando de todos os que passaram por ele e percebo, mais do que percebia à época, o quanto o currículo de cada um de nós é uma história coletivamente elaborada. O quanto é muito menos nosso do que parece ser no calor da hora. Isso me faz gostar mais dele hoje. Desejo sinceramente que este sentimento predomine entre os futuros aposentados. Ele nos faz muito bem e creio que também às instituições.

PPGE -50 ANOS: EXPLORANDO FIOS DA MEMÓRIA

Carmen Teresa Gabriel

Fazer memória é um exercício subjetivo em função da posição ocupada de quem narra e da forma que se é afetado/a pelo acontecimento memorável. Produzir um depoimento sobre meus tempos como coordenadora do PPGE é narrar, a partir de uma experiência singular - que assume sentido justamente no momento dessa narração- o processo de construção e consolidação de um programa de pesquisa no seio da UFRJ e na área da Educação em nosso país. Desse modo, o breve relato que se segue é apenas um recorte interessado, objetivado a partir de certos rastros que se encontram no presente do PPGE, buscando assim, tecer mais um fio nessa trama narrativa tecida por conta da comemoração dos seus 50 anos. Hoje somos vistos e avaliados como um programa de excelência, como indica a nota 6 por dois mandatos seguidos. Excelência essa que foi, e continua sendo construída, ao longo de sua história, com altos e baixos, mas sempre com a mesma aposta na importância do papel do PPGE na formação de recursos humanos bem como para a produção de conhecimento científico no campo educacional.

É, pois, a nota 6 que escolho como um desses rastros para exercitar minha memória. Funcionando como conectores do tempo, esses rastros podem ser vistos como instrumentos de pensamento. Conectores entre o tempo vivido e o tempo cronológico, os rastros carregam simultaneamente as marcas do presente e da significância atribuída ao passado. Assim como uma passadidade que se quer reter em cada presente, os rastros, esses vestígios visíveis que vamos deixando ao longo de nossa trajetória, nos indicam e significam no aqui e agora as passagens passadas de nossas vidas.

Entre 2009-2013 coordenei o PPGE, correspondendo ao último ano do mandato da professora doutora Ana Cavaliere (2008, 2009 e 2010) e um triênio completo (2011,

2012 e 2013). Foram tempos desafiadores para o Programa e de muito aprendizado para todos nós envolvidos tanto diretamente com a gestão da pós, quanto para seu corpo docente. Com efeito, a partir da segunda metade de 2008 assumi a vice coordenação do PPGE, trabalhando em sintonia com a colega que foi coordenadora até 2009, quando então passei a exercer, em um momento crucial para o programa, a sua coordenação. O processo de recuperação da crise institucional pelo qual passou, iniciado em 2004, intensificado na gestão de Ana Maria Cavaliere, precisava ainda ser definitivamente consolidado por meio da avaliação da CAPES. Assumir em 2009 significou, portanto, conduzir a elaboração e assinatura do Relatório Capes daquele ano que correspondia ao final de um triênio, e logo, a oportunidade derradeira de mudar a nossa nota que, durante os dois triênios anteriores, tinha permanecido três em função dos efeitos, de longo prazo, da crise. O desafio era mostrar quantitativa e qualitativamente o trabalho de todo um grupo de colegas que vinha se empenhando seriamente para a reconstrução do PPGE.

Lembro-me do trabalho de reorganização das linhas de pesquisa, do esforço coletivo para entendermos a lógica do relatório, as revisões exaustivas por parte das secretárias do PPGE, à época, Aline e Solange, de cada parte quantitativa, das conversas com outras colegas coordenadores de programas, das idas à Brasília. Sabíamos que a mudança da nota era decisiva para podermos continuar com o nosso curso de Doutorado. Sabíamos também que o programa tinha suficientemente amadurecido e consolidado sua atuação e produção bibliográfica para merecer essa mudança de nota.

O salto para a nota cinco na avaliação de 2010 foi a consagração de um esforço coletivo cuja importância extrapolou os egos individuais de cada um de nós, pesquisadores desse programa, naquele momento. Com efeito, ele significou um reconhecimento externo e interno da comunidade acadêmica, do trabalho de pesquisa de um Programa de pós-graduação, reconhecimento esse, indispensável para a consolidação da própria Faculdade da Educação no cenário de disputas acadêmicas no qual ela é chamada a se posicionar em permanência.

O mandato seguinte (2010-2013) foi marcado por estratégias para manter a excelência reconhecida ao longo desse triênio. Foram muitas reuniões de Colegiado para decidirmos sobre regras de seleção e de permanência no Programa, sobre o significado de “produção qualificada”, sobre a dimensão do coletivo, sobre o entendimento de linhas de pesquisa e sua importância na estruturação do programa, sobre uma metodologia para preencher os dados do relatório. Passamos a produzir sistematicamente o que nomeamos como "Retratos do PPGE", iniciamos os "Seminários Anísio Teixeira".

Aprendemos e avançamos juntos em muitos aspectos. Muitos outros não demos conta, e ficaram à espera de futuros enfrentamentos para os/as coordenadores/as que se sucederam. Deixamos como contribuição a aposta em nossa excelência acadêmica e a certeza de que ela é uma busca permanente.

“TUDO VALE A PENA/SE A ALMA NÃO É PEQUENA”: GESTÃO 2014-2018

Patrícia Corsino

Para este momento de celebração dos 50 anos do PPGE recorro à memória para falar do período vivido como coordenadora em dois mandatos. A memória, como sabemos, é seletiva e a minha narrativa traz reminiscências do vivido com todo risco de idealizações. Assumo o risco e afirmo com os versos de Fernando Pessoa: “Valeu a pena? Tudo vale a pena/Se a alma não é pequena”. E posso afirmar, sem falsas modéstias que tem sido um coletivo de grandes “almas”, compromissadas com a qualidade da Universidade Pública, que tem construído, passo a passo, um PPGE de excelência acadêmica, como o nosso.

Fui credenciada no PPGE em 2006, quando o Programa só tinha duas linhas de pesquisa, poucos professores e muita vontade de vencer a enorme crise que tinha acometido a Faculdade de Educação. Em 2010, fui convidada pela Carmen para ser sua substituta eventual. Particpei com ela de grandes eventos como a 11ª ANPEd Regional Sudeste, as emergências de dois Professores importantes no cenário educacional brasileiro, Professor Antônio Flávio Moreira e Professor Luiz Antônio Cunha, da comemoração do salto da avaliação da CAPES da nota três do PPGE para cinco, dos 45 anos do PPGE com as homenagens aos primeiros mestres e doutores formados no Programa, entre outros. Aprendi muito neste período de vice-coordenadora que serviram de aprendizagem e de transição para assumir a gestão. Carmen impôs um ritmo de constante acompanhamento e avaliação da produção docente e discente, de observação da coerência entre os projetos de pesquisa dos professores e professoras de cada linha do PPGE e suas produções. Quando assumi a coordenação em 2014, dei continuidade ao que havia dado certo e, ao

longo dos meus dois mandatos, que se estenderam até abril de 2018, procurei, sobretudo, estar presente, estar perto de professores, professoras, estudantes e secretaria.

Tínhamos e ainda temos uma equipe muito reduzida, mas com Solange à frente, e as vice coordenadoras Libânia Xavier e Margarida Gomes, depois com o Fernando, uma estagiária e, mais para o final da minha gestão, com a Poliana, fomos dando conta da rotina e das urgências. Acompanhei, atentamente, junto com Carmen, Aline e Solange o relatório da coleta CAPES do triênio que havia findado em 2012 e que nos alçou à nota cinco e isso foi fundamental para entender o processo avaliativo e fazer os relatórios seguintes, quando a CAPES sofisticou o processo, criando a Plataforma Sucupira, com novos critérios e mais dados a serem inseridos, e ampliou para quatro anos o período de avaliação.

A Plataforma Sucupira no seu início deu muito trabalho. Junto com a Solange, que encarava a Plataforma com bravura, nos sentíamos no trabalho de Sísifo, o mito grego condenado a rolar uma grande pedra de mármore com suas mãos até o cume de uma montanha, sendo que toda vez que ele estava quase alcançando o topo, a pedra rolava novamente montanha abaixo até o ponto de partida. Assim éramos nós, quando terminávamos de colocar os dados, uma tela se abria com a palavra “OPS” e tudo sumia. Chegávamos a chamar a Plataforma de Sucuri e assim foi todo primeiro ano da plataforma que só foi se ajustar mesmo ao final do quadriênio.

Participamos de muitas reuniões do Fórum de Coordenadores de Pós-Graduação em Educação -Forpred e da reunião de meio termo da CAPES. Ainda em 2014, fui eleita coordenadora do Forpred da Região Sudeste por um mandato de 2 anos, o que me fez mergulhar nos critérios e questões da avaliação da pós-graduação. Cada vez ficava mais claro o que era preciso ressaltar na gestão e dar visibilidades nos relatórios anuais e assim fomos produzindo e organizando os dados. Foi um período em que o programa cresceu, passou de 28 docentes no triênio 2010-2012, para 41 no quadriênio 2013-2016 e quando fechamos o relatório de 2017 tínhamos 43 professores. Mas este crescimento se deu sustentado em critérios e normas claras, sendo uma ampliação não apenas quantitativa, mas qualitativa. Os professores, as professoras e estudantes investiram em produções qualificadas, a inserção nas linhas de pesquisa se deu de forma mais articulada às propostas de ensino e pesquisa, o fluxo das defesas ficou mais ajustado ao tempo recomendado pela CAPES, ampliamos os projetos financiados e as parcerias nacionais e internacionais. O acompanhamento da produção docente e discente exerceu um papel

importante nos processos autoavaliativos dos professores e professoras credenciados/as e foi pelo esforço de todos e todas que recebemos a nota 6 no quadriênio 2013-2016, nos tornando um programa de excelência.

Foram tempos de muito trabalho, de obras nas nossas instalações, mudança para uma sala no CFCH e de volta para o Palácio Universitário em uma sala do Fórum de Ciência e Cultura, de infindáveis processos de revalidação de diploma, que muito nos ocupou e preocupou. Mas foram tempos em que ampliamos as linhas de pesquisa, aumentamos o número de publicações em revistas científicas Qualis A e o número de teses e de dissertações defendidas (de 2014 até abril de 2018 foram defendidas 185 dissertações e 95 teses), fizemos algumas alterações no currículo, terminando com as disciplinas típicas de linha, simplificando para oferta de disciplinas obrigatórias e eletivas, firmamos o Seminário Anísio Teixeira, recebemos o professor Antônio Nóvoa em parceria com o Programa de Pós-graduação em Matemática-PPGMAT, como professor Visitante Sênior, o que resultou na organização do Complexo de Formação de professores, finalizamos o Doutorado interinstitucional-Dinter com a Universidade Federal do Piauí e iniciamos um outro Dinter com a Universidade Estadual da Bahia-UNEB. Tempos em que implantamos e consolidamos a importante política de cotas na seleção de mestrado e de doutorado, que tem nos brindado com estudantes de excelência e pesquisa com temas relevantes, contemporâneos e insurgentes.

Nesta retrospectiva, vejo que talvez tenham faltado mais festas e celebrações, mais organização da gestão, mas, com certeza, vejo que não faltou o cafezinho quentinho da Solange e a nossa presença. A gestão de um programa de pós-graduação é muito exigente, e parafraseio aqui as palavras de minha ex-orientadora Sonia Kramer que, como eu, traz a poética da infância nas suas falas, defino, então, gestão como as crianças, como um gesto grande. Um gesto grande e generoso pelo desejo e engajamento político, de cada um e de cada uma de nós, em defesa de uma educação pública de qualidade, gesto grande pelo somatório dos pequenos gestos, das miudezas e delicadezas do cotidiano. Gesto grande que também se desdobra em gestações. Valeu a pena? Valeu! Muito obrigada a cada pessoa que arrou e semeou conosco este terreno.

MINHA HISTÓRIA, COM O PPGE-UFRJ

Márcia Serra Ferreira

Minha história com o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFRJ) vem de longa data, pois em 1999 ingressei nele como estudante de Doutorado. Antes disso – isto é, em 1997 –, havia ingressado, por concurso público, como Professora Assistente no quadro docente da Faculdade de Educação (FE). Ao me tornar colega de departamento dos professores Antonio Flavio Barbosa Moreira e Alice Ribeiro Casimiro Lopes, passei a colaborar com ambos no grupo de pesquisa e frequentei disciplinas do Programa como ouvinte. Toda essa experiência acabou me direcionando para a História do Currículo e para o Doutorado, sendo então orientada pelo professor Antonio Flavio. Na ocasião, vivi tempos difíceis no PPGE, que lutava por reestabelecer a sua institucionalidade em meio a uma crise na FE e, de forma mais ampla, na própria UFRJ. Hoje, felizmente, posso olhar para esse passado conturbado e ver o quanto aprendemos com ele na direção de construir um Programa mais inclusivo e democrático, com ações afirmativas e uma diversidade de sujeitos e objetos de pesquisa.

Me doutorei em 2005 e, no ano seguinte, passei a atuar como docente do quadro permanente do Programa. Foi nele, portanto, que pude aprender a fazer pesquisa, a redigir projetos e a obter financiamentos, a orientar estudantes de graduação e de pós-graduação, a publicar os resultados das inúmeras investigações por mim coordenadas e orientadas. Lembro de toda a dificuldade e insegurança na produção de meus primeiros escritos acadêmicos; no entanto, lembro também de como a leitura e o olhar atento do Antonio Flavio e de professores do PPGE com quem cursei disciplinas (destaco, em especial, Alice Ribeiro Casimiro Lopes, Ana Ivenicki, Ana Maria Villela Cavaliere e Luiz Antonio Cunha) foram me auxiliando tanto na constituição de uma escrita em formato “próprio” – que meus orientandos reconhecem ao longe – quanto no enfrentamento das críticas e sugestões que advêm do universo acadêmico.

Foi também no PPGE que fiz as minhas melhores amizades e as mais instigantes parcerias acadêmicas, com forte impacto em quem me tornei e no que venho investigando e orientando. Foi com elas que produzi artigos, colaborei em eventos, participei em uma série de comissões e, em especial, vim aprendendo sobre o Sistema de Pós-Graduação do

país. Com Ana Maria Vilela Cavaliere, Carmen Teresa Gabriel e Patrícia Corsino, as coordenadoras que me antecederam, pude colaborar na produção dos relatórios trienais/quadrienais, participando da reconstrução do nosso Programa em meio às mudanças nas políticas e no quadro docente da FE. Todo esse processo me levou a assumir a coordenação do PPGE em abril de 2018, após uma estadia de quatro meses como *Fulbright Visiting Scholar* na University of Wisconsin-Madison (UW-Madison), sob a supervisão de Thomas Popkewitz, buscando colaborar com a internacionalização do Programa. Fui, portanto, a primeira coordenadora a assumir o PPGE como um programa de excelência, uma vez que no Quadriênio 2013-2016 ele havia obtido nota 6.

Foi uma experiência intensa, ainda mais se levarmos em conta a Pandemia da COVID-19, que transformou completamente a nossa rotina administrativa e acadêmica e nos isolou fisicamente em meio ao trabalho remoto. Foi assim que atuei até setembro de 2021, quando concluí o meu ciclo na coordenação do PPGE, em parceria com Amílcar Araújo Pereira e, posteriormente, com Carmen Teresa Gabriel. Por fim, como pontos fortes de todo esse processo, destaco a consolidação das ações afirmativas no Programa e a manutenção da nota 6, aspectos que sinalizam para um futuro promissor e diversificado em nosso Programa.

4. A produção científica do PPGE-UFRJ

*Érica Resende
Jordanna Castelo Branco
José Cláudio Sooma Silva
Rodrigo Rosistolato*

Nesta seção, são apresentados alguns dados da produção do PPGE, ao longo desses cinquenta anos. A partir do levantamento das teses e dissertações defendidas no Programa, foram elaborados gráficos e tabelas que nos dão uma visão mais ampla acerca da produção dos egressos e dos professores orientadores na realização do trabalho de formação de pesquisadores e de produção de pesquisas. Iniciamos apresentando o processo de construção do banco de dados que dá suporte a alguns resultados aqui apresentados. Em seguida, trazemos algumas reflexões referentes às Linhas de Pesquisa, ao Quadro Docente e às perspectivas almejadas.

O processo de construção do banco de dados do PPGE-UFRJ

Para o presente estudo foi elaborado um banco de dados de teses e dissertações defendidas no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE-UFRJ). A construção desse instrumento contou com a escolha de critérios. Essas escolhas possibilitaram que os dados fossem organizados de tal modo que permitam o acesso de modo rápido tanto qualitativo quanto quantitativo das informações levantadas, favorecendo também a emergência de novas questões e análises.

No processo de construção do banco de dados foi realizado um percurso de pesquisa que contou com etapas de seleção, organização e sistematização de informações³. Para tal, tomou-se como ponto de partida a lista de dissertações e teses defendidas produzida pela professora Rosana Heringer, em 2018, para o aniversário dos 50 anos da Faculdade de Educação da UFRJ. Esse material foi criado com a intenção de

³ Os dados foram obtidos até outubro de 2022.

realizar o levantamento e análise da produção científica do PPGE. Entretanto, o levantamento não foi concluído em função da escassez de tempo para sua realização, mas a partir do trabalho realizado organizou-se uma lista de teses defendidas de 1986 a 2012 e outra de dissertações defendidas de 1975 a 2013. Nessas listas, as informações estão dispostas em 9 colunas (número, autor, título, número de páginas, orientador, banca, data de defesa, turma e palavras-chave). Ambas as listas estão disponíveis no site do PPGE-UFRJ.

Na primeira etapa do processo de construção do banco de dados, as informações presentes nas listas foram organizadas em duas planilhas, utilizando o programa Excel, uma de dissertações e outra de teses. Nesse processo, ampliamos e organizamos as planilhas, de modo que as colunas presentes nas listas, foram transformadas em campos⁴. Foram acrescentados mais campos a cada uma das planilhas, são eles: nome orientador padronizado⁵, resumo, tipo de defesa, impresso, objeto digital e observação. A intenção era reunir o máximo de informações possíveis relacionadas aos trabalhos defendidos. Com objetivo de preencher os campos mencionados anteriormente das planilhas de teses e de dissertações, foram compiladas as informações disponibilizadas no site do PPGE e realizada pesquisas na Base Minerva⁶ (Catálogo das Bibliotecas da UFRJ⁷).

Na etapa seguinte foram incluídas mais 8 colunas (sexo, linha de pesquisa, área de concentração, etapa educacional, segmento educacional, metodologia, referencial teórico e palavras-chave padronizada). O preenchimento da coluna sexo tomou como base o nome dos alunos. Já para a compilação dos dados referentes às linhas de pesquisa foram consultados os seguintes documentos: Coleta Capes (2006 - 2011), registros da secretaria do programa, editais de seleção de mestrado e doutorado de processos seletivos (2012 a 2013) e relatórios da Plataforma Sucupira. O preenchimento das demais colunas está em andamento.

Concomitante a essa etapa, realizou-se o levantamento dos egressos de doutorado, a fim de mapear a instituição de atuação, a etapa educacional e o cargo exercido por eles

⁴ Estes campos em formato de colunas permitem criar categorias que podem ser combinadas entre si possibilitando diferentes tipos de análise.

⁵ Nome do orientador padronizado: nesta coluna foi criado um nome padrão a ser usado com a finalidade de permitir o uso de filtros para construção de gráficos por orientadores. A consulta para esta padronização foi realizada no Currículo *Lattes* dos orientadores.

⁶ Disponível em: <https://minerva.ufrj.br/>. Acesso em: 28 out. 2022.

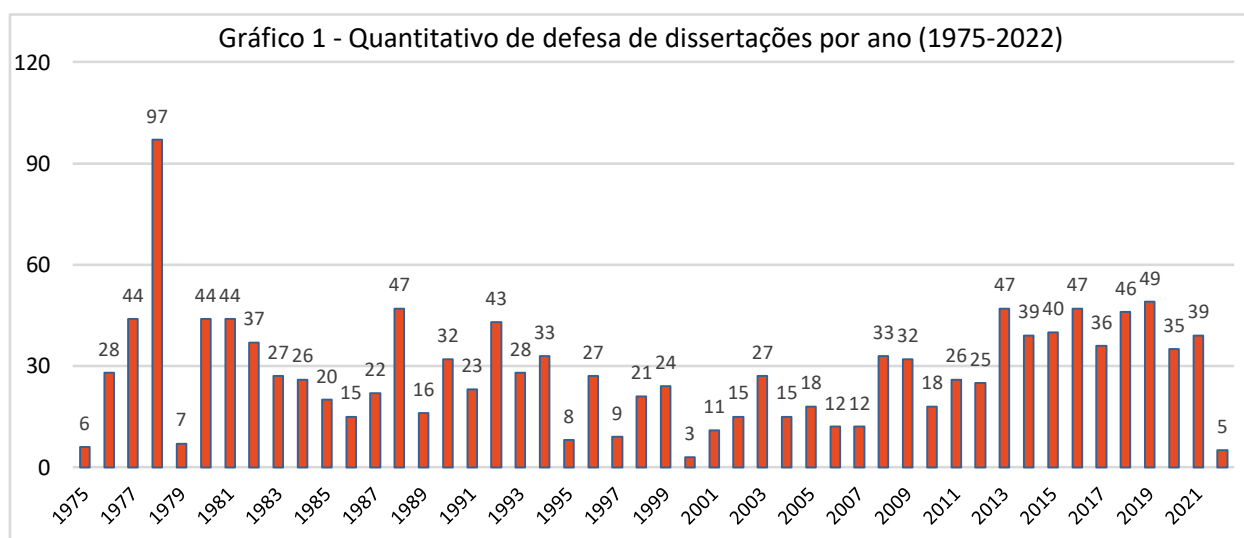
⁷ A Biblioteca do CFCH/UFRJ possui as teses e dissertações impressas defendidas do PPGE desde sua criação até 2016. A partir desta data, os trabalhos impressos passaram a ser guardados apenas na Central de Memória Acadêmica da UFRJ que reúne toda a produção de teses e dissertações da UFRJ desde os primeiros cursos.

após a conclusão do curso. Tomou-se como base as informações disponibilizadas no Currículo *Lattes* dos egressos. É importante mencionar que foram considerados os dados mais recentes nele presentes e que as informações ali constantes são registradas pelos próprios profissionais. Em alguns casos, foi possível notar a necessidade de atualização das informações inseridas no Currículo *Lattes*.

Fluxo de defesas de teses e dissertações

O Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ foi criado em 1972. A primeira defesa de dissertação foi realizada em 1975 e de tese em 1986. Com base nisso, foram consideradas no mapeamento as defesas ocorridas no período de 1975 a outubro de 2022 que totalizam 1358 dissertações e 433 teses.

O número de defesas de dissertações programa oscilam e se tornam mais estável na última década, como mostra o gráfico 1. Nota-se que no período de 1975 a 1986 o número de defesas varia de modo significativo com ápice nos anos de 1978, 1980 e 1981. No ano de 1978, o primeiro ápice, com 97 defesas, foi seguido de uma queda significativa do número de defesas, em 1979, com apenas 7 defesas. Já nos anos de 1980 e 1981, cada um deles com 44, nos anos precedentes há uma queda gradativa no número de defesas.



Fonte: Arquivo do PPGE, UFRJ.

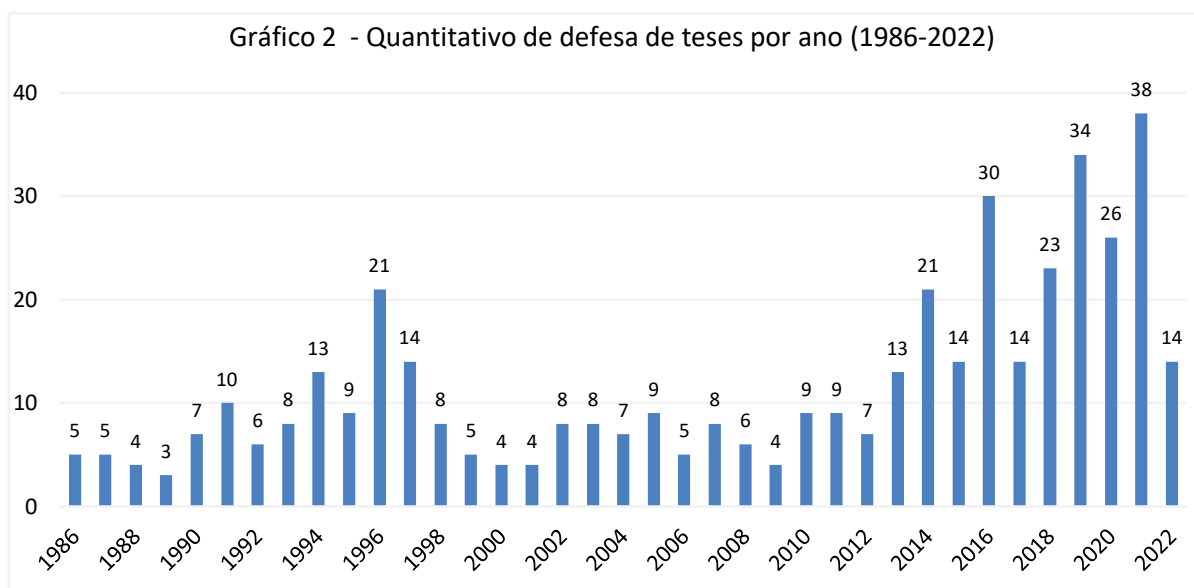
Também é possível observar no gráfico acima que nos anos de 1987 a 1997 há uma variação no número de defesas. Em 1988, ocorreram 47 defesas de dissertação, já

nos anos seguintes houve uma queda desse número pela metade, para 16 defesas, em 1989; seguida de um crescimento significativo, de 32 defesas, em 1990. Esse tipo de oscilação ocorre ao longo desses 10 anos.

Pode-se ver ainda no gráfico 1 que nos anos de 1997 a 2007 número de defesas de dissertações por ano varia sem ultrapassar o quantitativo de 27 defesas em um único ano. O quantitativo de defesas nesse período em comparação com os anteriores pode ser considerado baixo.

Por fim, observa-se que o período de 2008 a 2017 é marcado por um crescimento do número de defesas. Os dois primeiros anos são marcados pelo crescimento significativo do número de defesas em comparação aos dois últimos do período anterior. Entretanto, em 2010, o número de defesas caiu pela metade, 18 defesas. Em 2011, ocorreu uma retomada do crescimento do fluxo de defesas, com a realização de 26 defesas de dissertação. Em 2013, chegaram a ocorrer 47 defesas em um mesmo ano. Nos anos seguintes (2014-2017) o número de defesa de dissertação por ano não é inferior a 36 defesas. Nos anos que sucedem a esse período de 10 anos o número de defesas ao ano mantém-se superior a 35 defesas.

No gráfico 2 pode-se notar que o fluxo das defesas de tese é marcado por mudanças. De 1986 a 1996 houve um crescimento no número de defesas de tese com um ápice no ano de 1996, com 21 defesas. O período seguinte, de 1997 a 2006, tem o seu primeiro ano marcado por uma queda em comparação ao final do período anterior e o número de defesas se mantém entre no máximo 9 e no mínimo 4 ao ano. Já os anos de 2007 a 2016, inicialmente, mantêm o número parecido com o do período anterior, mas a partir de 2013 é marcado por um aumento significativo, seguidos de queda a quase a metade. Isto é, no ano de 2013 ocorreram 13 defesas; em 2014, há um aumento para 21; e em 2015, o número caiu para 14. Mesmo diante dessa oscilação há um crescimento ao longo do período em questão ao comparar o ano 2007, em que ocorreram 8 e o ano de 2016, com a realização de 30. O movimento de crescimento e queda ocorrido nesse período se repete nos quatro primeiros anos seguintes, de 2017 a 2022.



Notas para pensar o PPGE: as Linhas de Pesquisa, o Quadro Docente e algumas perspectivas

O exercício de lançar olhares reflexivos em direção àquilo que, cotidianamente, estamos envolvidos pode se constituir em uma oportunidade para (re)pensar algumas daquelas principais características que, juntas, concorreram para que nos tornássemos isto que viramos ou, mais importante, o que podemos ainda vir a ser. É a partir, e em função, desta chave de entrada que consideramos significativo tecer alguns comentários acerca de um interessante movimento que pode ser perscrutado em relação às Linhas de Pesquisa e ao Quadro Docente que, atualmente, compõem o PPGE.

De largada, cumpre registrar os limites do que construímos. A alusão, neste ponto, é principalmente para o recorte temporal que conseguimos abarcar com este estudo inicial, posto que não nos foi possível ainda levantar as informações para os 50 anos de existência do PPGE. No lugar disto, nossos investimentos propiciaram as condições para que pudéssemos firmar algumas *notas para pensar* os últimos 16 anos (2006-2022).

Isso que, à primeira vista, poderia ser percebido como uma “lacuna”, a rigor, descortinou a possibilidade para que orquestrássemos outras plataformas interpretativas. Afinal, em diálogo com Jacques Revel (1998)⁸ quando de suas ponderações sobre as

⁸ Revel, Jaques (org.). *Jogos de escalas; a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, FGV, 1998. Tradução Dora Rocha.

alternâncias das *escalas de análise*, “variara a objetiva não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, significa modificar sua forma e sua trama” (p. 20). A esse respeito, vale a pena acompanhar a tabela abaixo.

Período	Linhas de Pesquisa	Número de Docentes
2006-2008	Currículo e Linguagem Ética, Desenvolvimento Humano e Aprendizagem Políticas e Instituições Educacionais	20 / 19 ⁹
2009-2012	Currículo e linguagem Políticas e Instituições Educacionais	20 / 24 / 26 ¹⁰
2013	Currículo e linguagem História, Sujeitos e Processos educacionais Políticas e Instituições Educacionais	36
2014-2015	Currículo e linguagem História, Sujeitos e Processos educacionais Inclusão, Ética e Interculturalidade Políticas e Instituições Educacionais	37
2016-2018	Currículo e linguagem Estado, Trabalho-Educação e Movimentos Sociais História, Sujeitos e Processos Educacionais Inclusão, Ética e Interculturalidade Políticas e Instituições Educacionais	46
2019-2022	Currículo, Ensino e Diferença Estado, Trabalho-Educação e Movimentos Sociais Formação Docente, Linguagem e Subjetividade História, Sujeitos e Processos Educacionais Inclusão, Ética e Interculturalidade Políticas e Instituições Educacionais	49

Fonte: elaborada pelos autores (2022).

Ao variar a objetiva para os últimos 16 anos, percebe-se como o PPGE foi ampliando tanto o seu quadro de docentes quanto a diversidade dos campos de investigação. Se do primeiro triênio analisado (2006-2008) para os quatro anos seguintes (2009-2012) houve uma variação de 3 para 2 Linhas de Pesquisa; a partir de 2013 constata-se o aumento até se chegar às atuais 6. No que se refere aos docentes, igualmente, é digno de nota o aumento substancial que aconteceu no decurso do período estudado: nos seis primeiros anos (2006-2012), o quadro ficou entre 20 e 26; no triênio seguinte (2013-2015), salta para 36 e, em seguida, para 37; no triênio posterior (2016-2018), novo

⁹ Em 2008, o número de docentes diminuiu para 19.

¹⁰ Em 2010, o número de docentes aumentou para 24; em 2011, novo aumento para 26

aumento, passando para 46; finalmente, no último triênio levantado (2019-2022), alcança o total de 49.

Essa dinâmica, acreditamos, deve ser relacionada tanto ao amadurecimento quanto à consolidação do PPGE no Rio de Janeiro, em específico, e no Brasil, como um todo. Afinal, é cada vez maior o número de pesquisadoras e pesquisadores de diferentes instituições e localidades – colegas já formados, candidatos aos cursos de mestrado e de doutorado – que têm nos procurado com o anseio de construir variadas abordagens interessadas em escrutinar a área da Educação. Nessa medida, concebemos como desafiadores e, também, promissores os próximos ciclos que serão desbravados por este PPGE. Algo que diz respeito, especialmente, ao despontar de outras frentes de estudo que serão estimuladas pelo movimento das Linhas de Pesquisa e do quadro docente contribuindo, assim, para a emergência de novas experiências formativas.

É importante observar, também, que os movimentos de construção, reconstrução e ressignificação das Linhas de Pesquisa do PPGE estão relacionados com as dinâmicas do campo educacional brasileiro e mundial. As temáticas do currículo, da ética, da linguagem, do ensino, da aprendizagem e das políticas educacionais que orientaram os primeiros anos do PPGE mantiveram-se até o momento do recorte temporal deste texto e ramificaram-se significativamente. Além disso, houve a inserção de problemáticas relacionadas aos sujeitos, às subjetividades, à inclusão, à interculturalidade, ao trabalho, aos movimentos sociais e à diferença. A amplitude desse conjunto de temáticas do campo educacional não apenas revela o crescimento e o refinamento da área de Educação, como indica desafios significativos para os próximos anos.

A pesquisa científica não existe dissociada dos agentes que por ela se interessam e interagem no mundo da vida. As motivações acadêmicas em geral – e em específico no campo educacional – são atravessadas por questões sociais que contribuem com a pauta e a agenda da própria Universidade. No debate sobre inclusão em Educação essa discussão evidencia-se, posto que tal demanda aparece conectada com a necessária inserção de populações tradicionalmente excluídas dos processos formais de educação. As análises sobre o direito à diferença, a legitimidade das manifestações culturais e dos movimentos sociais, assim como a livre manifestação das subjetividades seguem *pari passu* com as lutas sociais inerentes a cada um destes fenômenos. Desta forma, o mundo das ideias encarna-se nos sujeitos pensantes e a ampliação das Linhas de Pesquisa do PPGE também revela o aumento da presença de pessoas antes alijadas do direito de experimentar a plenitude da vida acadêmica. Referimo-nos a ambos os corpos – docente

e discente –, embora o aumento mais significativo esteja, até o presente momento, no corpo discente.

Em termos prospectivos, o PPGE tem alguns desafios que consideramos centrais para as próximas décadas. O primeiro deles é a consolidação da pluralidade, da diversidade e da inclusão como princípios orientadores das nossas ações pedagógicas e investigativas. Caminhamos nesse sentido nos anos que antecedem este texto, como a própria dinâmica das nossas Linhas de Pesquisa revela, mas ainda há muito o que construir. O segundo, é a organização e a manutenção de sistematizações do conhecimento que temos produzido. Nestes 50 anos, dentre inúmeras atividades, escrevemos teses, dissertações, artigos, participamos de congressos e consolidamos um repositório de análises, dados empíricos, problematizações teórico-metodológicas que estão acessíveis a toda a população e ao nosso corpo discente. Porém, o volume de dados carece de análises refinadas sobre o conjunto desta produção. A contribuição do PPGE para a ciência brasileira aparece um tanto quanto dispersa e, como enfatizado no início, cabe a nós esse mergulho em nós mesmos para nos entendermos e dialogarmos com o campo educacional brasileiro. Estes dois desafios dependem diretamente da manutenção do caráter público da pós-graduação no Brasil. O PPGE é parte integrante de uma Universidade Pública, gratuita, laica e de excelência reconhecida nacional e internacionalmente. As posições da UFRJ e do PPGE não estão garantidas simplesmente por sermos o que somos. Elas dependem de luta e de diálogo permanentes com a sociedade. É fundamental que a população brasileira, que em sua grande maioria não tem acesso à Universidade, passe a conhecê-la, tenha contato com a potência de tudo o que é produzido por nossos professores e estudantes e sinta-se convidada a estar conosco nesta grande aventura humana que é a produção do conhecimento.

5. A Revista Contemporânea de Educação

Ana Pires do Prado

As revistas científicas, independentemente de sua área de conhecimento, são centrais para a apresentação e divulgação dos resultados de pesquisas e análises sobre a uma determinada temática, sempre com experiências, ideias, teorias e modelos inovadores. Neste sentido, as revistas científicas têm um duplo papel: comunicar para o público de sua área e para o público em geral, seus resultados e possibilitar novos conhecimentos e procedimentos científicos.

É com este compromisso que a Revista Contemporânea de Educação (RCE) vem trabalhando desde 2006. A RCE é uma iniciativa da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FE/UFRJ) e é financiada, desde sua primeira publicação, pela FE e pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE). A Revista foi criada com o propósito de divulgar a produção acadêmica sobre temas de interesse para a pesquisa em educação e propiciar debates em torno de questões ligadas à conjuntura educacional no Brasil e no exterior.

Desde sua criação publica artigos originais, entrevistas, resenhas, notas de pesquisa e ensaios em números temáticos e em números de fluxo contínuo. As publicações discutem inúmeros aspectos do campo educacional e trazem resultados de pesquisas desenvolvidas na área da educação e em áreas correlatas. Destina-se especialmente aos profissionais ligados à educação e às áreas das ciências humanas e sociais.

No início de sua publicação, em 2006, tinha periodicidade semestral e passou a ser quadrimestral a partir de 2017. Tem mantido a regularidade nas publicações e nos últimos anos publicou quadrimestralmente artigos e números temáticos com temas relevantes e abordagens teóricas e metodológicas da educação contemporânea: relações raciais e a educação básica e superior, gestão democrática, trabalho e educação, universidade e pesquisa em educação, processos de alfabetização, leitura e escrita, história da educação, avaliação educacional, corpo e educação, etnografia e educação, educação ambiental, cinema e educação, além de discussões sobre políticas educacionais, laicidade e educação, didática, filosofia da educação, currículo, formação e profissão docente.

Ao longo desses 17 anos, ampliamos o número de artigos e de publicações de pesquisadores de outras instituições e de todas as regiões do país. Também aumentamos os pareceristas *ad hoc*, com afiliação nacional e estrangeira. São desafios constantes para uma revista que busca manter o compromisso com a pluralidade temática, teórica e metodológica do campo.

Os docentes do PPGE e da FE sempre estiveram à frente da comissão editorial da RCE, tendo sido coordenada por docentes de diferentes linhas de pesquisa e abordagens teóricas, mostrando a diversidade da área. As pesquisas e reflexões dos docentes e seus orientandos também são publicadas periodicamente na RCE.

O desafio constante de uma revista científica é, além da qualidade editorial, manter seu financiamento. Foi com esse intuito que, em 2022 a RCE obteve financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)¹¹ para ampliação de sua qualidade editorial, com a reconfiguração de sua página institucional e o processo de internacionalização da Revista. Isso permitirá maior divulgação de artigos científicos inéditos, possibilitando a disponibilização e disseminação do conhecimento científico nacional e internacional de qualidade, on-line, em acesso aberto. O processo de internacionalização, com publicação de artigos de pesquisadores nacionais e internacionais, mostra também a força do PPGE no estabelecimento de parcerias internacionais de seus docentes e discentes.

As notícias da RCE são promissoras e marcadas por desafios, assim como a pesquisa educacional e os Programas de Pós-graduação em Educação.

¹¹ EDITAL FAPERJ Nº 48/2021 – Programa de Apoio à Publicação de Periódicos Científicos e Tecnológicos e à Infraestrutura de Editoras de Instituições Científicas e Tecnológicas sediadas no Estado do Rio De Janeiro – 2021

6. O Futuro do PPGE-UFRJ por seus professores / pesquisadores¹²

Num breve exercício de ficção e utopia, cerca de 40 professores do PPGE/UFRJ responderam ao convite para escrever brevemente sobre suas expectativas para o programa nos próximos 50 anos. Os pesquisadores, em sua maioria, projetaram a excelência da pesquisa, a qualidade de formação profissional e, ao mesmo tempo, uma profunda conexão do PPGE com os desafios de seu tempo, dialogando com diferentes setores da sociedade e profundamente comprometido com a redução das desigualdades e com a promoção da educação de qualidade para todos. Apresentamos neste capítulo os textos escritos em outubro de 2022 por docentes do PPGE.

Quais são as expectativas de futuro dos docentes em relação aos próximos 50 anos do PPGE?

Adriana Fresquet

As perspectivas do PPGE para os próximos 50 anos têm a ver com os desafios que enfrentamos na pesquisa em educação, que precisará objetivar o bem viver, a paz, a sustentabilidade e a desaceleração da tecnologia, no sentido de produzi-la em contextos locais, vinculando-a à cosmovisão e valores próprios. A pesquisa precisa assumir o compromisso de desvendar as invisibilidades do poder, identificando novas formas de obediência inconsciente e inventando modos de raquear as determinações do capitalismo da informação na produção coletiva de conhecimento. Multiplicar projetos de investigação interestaduais e internacionais que colaborem para colocar a devida centralidade na educação frente aos processos de dominação travestidos de uma falsa sensação de liberdade entregue à vigilância no metaverso. Abandonar o ponto de vista universal e assumir a implicação subjetiva em cada ato de estudo e pesquisa, como tomada de posição pedagógica, ética e política diante dos regimes epistêmicos configurados historicamente.

¹² As organizadoras agradecem a todos/as os/as colegas do PPGE que colaboram nesta seção.

Amílcar Pereira

Diante de tantos e tão difíceis desafios que vivenciamos na sociedade brasileira nos últimos anos, ao pensar sobre as perspectivas do PPGE - FE - UFRJ para os próximos 50 anos, lembro imediatamente de uma fala do Paulo Freire em seu livro *Por uma pedagogia da pergunta*: “Recriar uma sociedade é um esforço político, ético e artístico, é um ato de conhecimento”. Trabalho pacientemente impaciente, como diria Amílcar Cabral.

Estamos produzindo conhecimento no PPGE/UFRJ, conhecimento cada vez mais plural, a partir de experiências de vida e de pesquisa muito mais diversas do que num passado não muito distante. Seguiremos articulando criatividade e luta política, celebrando amanhã possíveis a cada texto produzido com excelência acadêmica e esperança de contribuir para “recriar” a nossa sociedade sem racismo, com justiça social, trabalhando de maneira “pacientemente impaciente”, como nos ensinam tanto Paulo Freire quanto Amílcar Cabral.

Axé para os próximos 50 anos do PPGE!

Ana Angelita Rocha

Carta aos egressos do PPGE

A escrita deste breve texto é endereçada àquelas e aqueles que, como eu, alimentam uma dívida com o PPGE. Sou egressa do mestrado e do doutorado e RECONHEÇO PROFUNDAMENTE MINHA dívida ao coletivo do PPGE, servidores, professores e discentes. Qual dívida? Minha formação política, docente - afetiva - e profissional.

Quero explicar melhor isso. A cada defesa, a cada artigo e a cada autoria, não percebo um movimento verticalizado pelo mérito individual, mas a colaboração solidária, horizontal, de todos os elementos deste espaço criativo que está na base do programa de pós-graduação.

Em cinco décadas, a solidez do Programa está, portanto, nos egressos. Podemos citar sobretudo a importância do PPGE para consolidar a pesquisa em território brasileiro. Por isso, endereço à comunidade acadêmica do PPGE alguns pontos que denotam o quanto a vida do egresso é patrimônio público.

1. Precisamos dar visibilidade - quem sabe institucional - ao fórum dos egressos. Mantemos nossas redes virtuais com colegas do Mestrado e Doutorado, mas não seria oportuno uma agenda de diálogo permanente com os egressos?
2. Ao longo de 50 anos, o PPGE contribuiu para a formação de docentes e pesquisadores da educação do Brasil e de outros países, o que evidencia a sua relevância para a história

da educação. Caberia nesse contexto de enfraquecimento da ciência brasileira mapear e dar publicidade à abrangência territorial do PPGE com a atuação profissional dos egressos?

3. Assim como primeiro ponto, imagino que seja necessária a mobilização de uma agenda dos egressos, a partir da gestão do PPGE. Seria viável propormos uma agenda coletiva, articulando as atividades dos egressos atuantes em diferentes instituições do país?

Sobre a dimensão afetiva, endereço esse texto a amigas que não se encerraram nos corredores da UFRJ: Warley, Márcia Pugas, Ana Paula Ramos, Patrícia Santos, minhas queridas amigas da velha guarda do GECCEH, e à eterna orientadora Carmen. Sem dúvida, a composição destas amigas estrutura a vitalidade da pós-graduação. Viva o PPGE!

Ana Ivenicki

A perspectiva que visualizo para o PPGE-FE-UFRJ para os próximos 50 anos é a de um programa de Pós-Graduação vibrante, com produção acadêmica socializadora das pesquisas desenvolvidas, que prime pela excelência acadêmica, ao mesmo tempo destacando-se por uma perspectiva cada vez mais multicultural que inclua, tanto em seu currículo como em seu corpo social, a diversidade cultural, étnico-racial, de gênero e de identidades plurais, enriquecedora do ambiente institucional e do conhecimento acadêmico.

Ana Monteiro

Continuidade ao desenvolvimento e socialização de pesquisas com rigor teórico e metodológico, voltadas para questões centrais na área da educação tais como as políticas educacionais, os processos de produção e distribuição dos conhecimentos, o trabalho e os saberes docentes, o desenvolvimento da leitura e escrita, a inclusão social, gênero e sexualidade, a educação antirracista, as desigualdades sociais e econômicas, entre outros, que possam contribuir para a formação de professores e professoras, técnicos e gestores em educação, em condição de realizar seu trabalho com autonomia e responsabilidade, que venham a contribuir para a afirmação e valorização da escola pública laica e democrática. Que as atividades de ensino, pesquisa, orientação, extensão, realizadas de forma indissociável, expressem de forma inequívoca, o compromisso da universidade pública com a produção científica social, política e eticamente responsável, apoiadas por governos conscientes da importância da educação para o desenvolvimento de um país.

Que mestres e doutores nele formados se constituam em agentes públicos de políticas educacionais socialmente e eticamente referenciadas. Que tudo isso seja realizado em um clima institucional respeitoso e solidário.

Ana Prado

O PPGE completará 100 anos mantendo sua contribuição na construção do conhecimento científico na educação, em um ambiente acadêmico com parcerias entre os docentes, discentes, técnicos, redes de ensino e instituições educacionais. Também permanecerá como centro de referência para novas reflexões teóricas e metodológicas, para questionamentos e espaços de diálogos caros ao campo, sempre com atuação ética e compromisso científico.

André Bocchetti

O PPGE tem sido capaz de unir, à qualidade histórica de sua produção, uma atenção valiosa a outras questões e modos de perguntar que seguem surgindo e alimentando a pesquisa educacional. A presença de pesquisadores(as) com larga caminhada investigativa é fundamental para isso. No mais, a chegada contínua de novos(as) investigadores(as) abre espaço para que problemáticas ainda pouco abordadas possam emergir. É nesse cruzamento entre seu lugar como referência internacional e sua versatilidade que creio estar a força do PPGE nos próximos 50 anos. Suas perspectivas vão nesse sentido: é por sua potência crítica e abertura a outros modos de investigar que ele pode seguir em suas contribuições, em meio à produção de mundos nos quais sobram ruínas – as do capitalismo, da destruição voraz do planeta – e desigualdades, mas onde não param de emergir formas de vida e maneiras de pensar dignos de habitar nossas pesquisas por vir.

Antonio Jorge Gonçalves Soares

A Faculdade de Educação do futuro na UFRJ deverá ser instalada num novo equipamento educacional que seja adequado à sua missão de formar professores e pesquisadores na área da educação. Espero que os futuros desenhos curriculares da graduação e da pós-graduação sejam mais integrados, com poucas disciplinas e com muito tempo de estudo autônomo a partir de problemas e desafios presentes na educação básica. O futuro também demanda que nossa instituição intensifique a atuação na construção de análises,

diagnósticos, tecnologias educacionais e de gestão com a missão de melhorar a educação pública em nosso país.

Carmen Gabriel

Minhas perspectivas hoje estão sob os efeitos da conjuntura política na qual estamos imersos. Por isso prefiro falar de desejos. Desejo muita capacidade de se reinventar para manter-se como um espaço de produção do conhecimento, de livre pensamento, de resistência, da diferença, aberto e plural. Que possamos continuar um espaço de excelência no âmbito do campo educacional, sem que isso signifique reforçar posturas elitistas, individualistas e competitivas. Que o entendimento de um PPGE fruto do trabalho coletivo prevaleça e que saibamos honrar o nosso papel político como pesquisadores de uma universidade pública como a UFRJ.

Celeste Kelman

Como diria Millor, “livre pensar é só pensar”. Então compartilho com vocês o que quero para o nosso PPGE para os próximos 50 anos. Quero um processo seletivo sem cotas e que o trabalho acadêmico final não seja decorrente de stress, burnout ou outras doenças físicas ou mentais. Explico-me. Sem cotas, porque quero fortemente que os ensinamentos fundamental e médio sejam de qualidade, de forma que todos poderão competir em pé de igualdade, por mérito. Quero que a ruptura com o gênero binário não seja mais motivo de discriminação. Quero que surdos, cegos e surdocegos possam acessar a pós-graduação sem nenhuma dificuldade, porque terão tecnologias assistivas e suporte humano para realizarem seus estudos. Quero que os discentes selecionados possam ter licença para realizarem suas pesquisas sem o stress do atraso ou da desistência. Gostaria de poder ver isso em bem menos que 50 anos.

Daniela Guimarães

Considero que nos próximos 50 anos o PPGE pode fortalecer cada vez mais a integração entre tradição e inovação, pela presença de pesquisadores reconhecidos há décadas em suas linhas de atuação, e pelo acolhimento a novos pesquisadores e campos de investigação. Assim, amplia-se a contribuição do Programa à discussão de práticas pedagógicas, políticas públicas, iniciativas de formação de professores, no âmbito da Educação Básica e do Ensino Superior. Diversos temas de importância social e política,

abordagens teórico-metodológicas constituídas de modo consistente consolidam a relevância do Programa no cenário da pesquisa nacional

Daniela Patti

O papel de um Programa de Pós-graduação em Educação é fundamental em diferentes aspectos. Aprofundar a pesquisa sobre a educação brasileira e os diálogos com a educação em diferentes países; conhecer realidades educacionais diversas sobre os níveis e as modalidades de educação no Brasil; formar pesquisadores e pesquisadoras, contribuir para a formulação de políticas públicas em educação, dentre tantos outros. O PPGE, há 50 anos, tem atuado fortemente no cenário da educação pública brasileira com ensino de qualidade, pesquisas de grande impacto e vasta contribuição para o campo. Nosso desejo é que, nos próximos 50 anos, o PPGE continue sendo esse Programa de excelência e que se torne cada vez mais diverso, inclusivo, socialmente referenciado e atento à defesa de uma educação pública, gratuita, laica e de qualidade em diálogo permanente com a escola básica e com a sociedade brasileira.

Diana Vidal

Apesar de estar recentemente integrada ao corpo docente do PPGE, tenho acompanhado o enorme esforço coletivo de permanente requalificação do trabalho efetuado, a delicadeza e senso de humanidade com que os problemas são debatidos e as decisões tomadas e o compromisso sério e engajado com a pesquisa e a formação em educação. Todas estas características são indicadores alvissareiros de manutenção do reconhecimento nacional de que faz jus o PPGE e que se expressa na avaliação CAPES.

Fábio Souza

Espero que o PPGE/FE/UFRJ possa contribuir para as discussões críticas acerca das políticas educacionais para o país, através da produção acadêmica do conhecimento e da efetiva ação de todos os que compõem o Programa. A construção de um país, que fortalece o processo democrático, vai ao encontro da luta contra a alienação e a desumanização crescentes em momentos históricos como o que estamos atravessando. Portanto, formar seres humanos críticos e que compreendam seu papel histórico é fundamental e é nesse sentido que a contribuição do PPGE/FE/UFRJ se fará importante e necessária.

Giovana Xavier

Que o PPGE seja um Programa que se abra cada dia mais para o reconhecimento das diferentes formas de ser pessoa, de se relacionar e definir a pesquisa científica, levando em conta as trajetórias e interesses de todas as pessoas que fazem dele uma comunidade de aprendizado.

Giseli Cruz

Meu desejo para os próximos 50 anos do nosso PPGE é que ele continue sendo um programa socialmente relevante, com contribuições substanciais para a pesquisa em educação. Que os corpos docente e discente se afirmem cada vez mais como sujeitos de conhecimento na elaboração de pensamento educacional a favor da construção da escola democrática e emancipadora. Que da ciência que produzimos e da educação que praticamos prevaleçam indicadores em prol da democratização da educação pública no Brasil, para que ela não retroceda ainda mais. Que dos nossos fazeres-saberes formativos insurjam muitas possibilidades propícias ao papel social da educação, da escola, das professoras e professores, e, desse modo, contrárias às desigualdades, discriminações, preconceitos que negam a diferença como potência entre nós. Que o percurso dos próximos 50 anos esteja alinhado com o caminho trilhado até aqui, marcado pelo compromisso de articular os processos educacionais com a transformação e reconstrução do estado democrático de direito no país.

Graça Reis

Pensar as perspectivas do PPGE para os próximos 50 anos não me parece tarefa fácil, pois estamos acompanhando o desinvestimento nas universidades públicas, como política de governança.

No entanto, nesta data em especial, falo de um lugar repleto de esperança, falo daquela esperança freireana que nos faz levantar, ir atrás, construir e não desistir, pois estamos às vésperas de uma eleição que pode mudar os rumos daquilo que temos vivido hoje. É desse lugar que escolho falar.

Aprendi que só podemos concretizar no futuro aquilo que vivemos no presente. Isso significa que o que vivemos hoje no PPGE indica o que teremos nos próximos 50 anos. Antevejo um Programa com ainda mais sonhos concretizados, porque lutamos hoje, coletivamente, para conquistá-los. Elejo, então, estas duas palavras para representar este

PPGE de 50 anos à frente: conquista e coletividade, exercícios de democracia que temos vivido internamente. Que sigamos assim mais 50 anos, encharcados pelos ideais que temos esperançado juntos nos tempos de agora.

José Cláudio Sooma Silva

Aceitar o desafio de realizar um exercício de vislumbrar aquilo que podemos vir a nos tornar – e num intervalo de tempo bastante significativo, 50 anos – não se afigura como uma tarefa das mais simples. Afinal, estamos lidando com perspectivas, disputas e planejamentos que, como bem sabemos, não dependem exclusivamente de nossas escolhas. Ainda assim, arrisco registrar os seguintes dizeres: que nos próximos 50 anos, persistamos encontrando motivos para acreditar num mundo mais humano, menos opressivo, com maior aceitação às diferenças e, quem sabe até, mais feliz. Sem sombra de dúvidas, as pesquisas da área da Educação, como um todo, e do nosso PPGE-UFRJ, em particular, têm muito ainda a contribuir para que concretizemos esses anseios. Sigamos, cada vez mais, juntos!

Libânia Xavier

O PPGE do futuro, que eu projeto, permanece com o compromisso com a qualidade da educação pública e com o desenvolvimento da pesquisa em educação nas suas múltiplas interfaces. Não sei se estará recebendo os recursos necessários ou se beneficiando de políticas de estímulo à produção científica. Mas desejo fortemente que o nosso PPGE do futuro seja capaz de aprofundar modos de relacionamento verdadeiramente solidários entre todos os envolvidos nesse projeto de fazer da educação um campo permeado pela reflexão crítica e contextualizada de suas próprias ações.

Marcelo Melo

Seguir contribuindo para democratização da educação brasileira em todos seus níveis por meio da formação de professores e professoras e da realização de investigações diretamente associadas a esse projeto histórico de emancipação de trabalhadores e trabalhadoras e combatendo as opressões das mais diversas.

Marcia Serra Ferreira

O Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE/UFRJ) tem sido crescentemente impactado pela ampliação e diversificação da

universidade pública brasileira, com poderosos efeitos tanto no perfil dos nossos estudantes quanto na formulação de outros objetos de pesquisa. Minhas perspectivas são as melhores possíveis, pois envolvem um crescimento de tal movimento, com a incorporação dos jovens docentes da Faculdade de Educação em nosso quadro permanente e o desenvolvimento de investigações cada vez mais ancoradas nas questões educacionais que nos afligem nesse país. Que o PPGE/UFRJ continue sendo um programa que se refaz e se transforma em meio às variadas demandas do nosso tempo, produzindo investigações capazes de subverter a nossa história e de colaborar na construção de outros futuros possíveis.

Margarida Gomes

Eu vejo o PPGE/FE nos próximos cinquenta anos num movimento acadêmico de defesa da produção do conhecimento científico e de fortalecimento da pluralidade social na UFRJ e no Brasil. Na minha visão, há tendências já sendo construídas que vão se ampliar e aprofundar: a diversificação de temáticas de pesquisa relacionadas a uma diversidade social que vem entrando na universidade nos últimos anos; a aproximação com a formação dos cursos de graduação da UFRJ fortalecendo-os a partir da interação entre ensino, pesquisa e extensão; e a aproximação com os currículos e dinâmicas das escolas públicas. Tais tendências mostram como a produção do conhecimento no PPGE/FE tem forte relação com as possibilidades de lutas sociais e políticas em prol de um Brasil mais justo, de um mundo melhor.

Maria das Graças Nascimento

Vejo um PPGE que cumpre criticamente seu objetivo de contribuir para a produção de conhecimento no campo educacional, formando pessoas comprometidas com o direito à educação para o povo brasileiro. Um PPGE que é constituído de pessoas: estudantes, funcionários, professores... que convivem que lutam por seus sonhos / utopias, que trabalham e aprendem em conjunto. Que saibamos enfrentar os desafios com espírito coletivo, trabalhando por um mundo mais humano, mais justo e solidário.

Maria Judith Sucupira Lins

Esta semente que foi plantada, da qual brotou uma planta bem cuidada, transformada em sólida árvore, florescendo sem parar e dando belos frutos nesses 50 anos, promete muito mais do que dobrar esse tempo. O PPGE/FE/UFRJ alcançou os mais altos patamares em

excelência, oferecendo resultados concretos que respondem a seus objetivos. É reconhecido por sua qualidade e pela produção do conhecimento, investigando e contribuindo para que a Educação Brasileira seja cada vez mais justa, profunda e renovadora. Não só nos próximos 50 anos, mas para um futuro que se estende a perder de vista, nosso programa continuará a desenvolver a capacidade de pensar crítica e criativamente, a ampliar os horizontes culturais e a estimular a pesquisa na identificação de novos problemas que exigem soluções originais e efetivas. Que realize o sonho de seus idealizadores e de todos nós que participamos de sua construção com amor, dedicação, seriedade e esforços contínuos.

Maria Vitoria Campos Mamede Maia

Vejo para o PPGE-FE-UFRJ uma continuidade de caminho que por 13 anos participo. Vejo um grupo de docentes e discentes querendo fazer a diferença na Educação e, assim, em várias outras áreas. Vejo a manutenção da excelência de nosso programa e do ensino público como resistência a um processo homogeneizador que insiste em se instalar na nossa Educação. Daqui a 50 anos, seremos mais do que hoje somos e teremos uma história maior para contar para aqueles que virão. Somos e seremos resistência com as ferramentas que temos: nossos atos, nossas palavras e nossas pesquisas e escritos. Seremos resistência e esperança quando estivermos dentro das escolas e fora delas, em formações continuadas, em cursos e em discursos que ressoam em diferença de olhares e escutas e em possibilidades sempre de inclusão de todos aqueles que sonham em conjunto por uma sociedade mais justa e mais criativa.

Mariane Koslinski

Frente à recente ampliação do PPGE/UFRJ no que diz respeito ao número de professores e de linhas, espero que, nos próximos 50 anos, sejamos capazes de formar com excelência pesquisadores no campo da educação, a partir de abordagens teórico-metodológicas cada vez mais plurais. Já caminhamos muito em direção à internacionalização! Mas estou certa de que nos próximos anos teremos a oportunidade de fortalecer nossa interlocução, desenvolver pesquisas em conjunto e incentivar maior troca de estudantes com universidades estrangeiras e, desta forma, enriquecer e ampliar o alcance das nossas produções acadêmicas. Por fim, espero um programa com cada vez mais inserção social, capaz de produzir conhecimentos relevantes que contribuam para a tomada de decisões

de gestores educacionais e professores, com o objetivo de construir sistemas educacionais de qualidade e mais justos.

Monica Santos

Vejo um PPGE nota 7,0, de altíssima qualidade e com um corpo docente cada vez mais unido e colaborativo. Vejo um corpo docente mais presente e preocupado em potencializar sua voz e desafiar padrões naturalizados de visão de mundo, apoiados por seus professores. Vejo, por fim, um ambiente acadêmico em que seriedade e compromisso científicos estejam em perfeito alinhamento com uma ética pautada pelo carinho, pela humanidade, pelo respeito mútuo e pela alteridade.

Nastassja Pugliese

O PPGE contribuirá para equidade de gênero nos currículos, estimulando o debate nacional qualificado e propondo políticas públicas que orientem teoria e prática nas salas de aula. Através do estímulo ao pensamento crítico, à argumentação e a análise do discurso, o PPGE atuará na formação de cidadãos e cidadãs que, através da educação, irão contribuir para o desenvolvimento do país e de nossa democracia. Em seu centenário, vejo um PPGE sólido, referência nacional e internacional, que se fortalece como centro de excelência em educação e formação de professores.

Patricia Corsino

Neste mundo em constante movimento, pensar prospectivamente mais 50 anos para o PPGE é ir em busca da utopia. No desejo, intuo um outro modelo de Pós-graduação em Educação e, conseqüentemente, novos critérios de excelência e possibilidades de avaliação. Novas metodologias de pesquisa, investigações capazes de reinventar a escola, de articular o pensar e o fazer, de dar unidade de sentido entre ciência, arte e vida, de abordar questões que possibilitem produção de conhecimentos que deem maior sustentação às políticas educacionais e às práticas educativas.

Roberto Leher

O PPGE foi criado no rastro da reforma universitária de 1968, em um contexto em que a ditadura empresarial-militar necessitava difundir seu projeto educacional tecnicista e baseado no capital humano. Em tempos áspers, lampejos de pensamento crítico aproximaram a Pós da educação pública e da democracia. E assim tem sido desde então:

ampliamos o campo de problemáticas de pesquisa, democratizamos a composição social de nossos estudantes e, com isso, novas sensibilidades puderam se afirmar no Programa. Restam desafios mobilizantes: fortalecer a educação pública, laica e gratuita como dever do Estado e direito humano fundamental, assegurar a liberdade de cátedra, contribuir para repensar a educação básica como dimensão da formação omnilateral de todos os que possuem um rosto humano, e ampliar as interações com as escolas e as instituições científicas e culturais, sempre buscando incorporar mais e mais professores. Inexiste excelência acadêmica sem democratização real do acesso. No futuro, as novas gerações seguirão tendo orgulho da história do PPGE/UFRJ!

Rodrigo Rosistolato

Os próximos 50 anos trarão desafios significativos para o PPGE. A progressiva digitalização da vida, como um todo, e dos processos educacionais, em particular, colocarão novos problemas de pesquisa e desafios centrais para a formação de professores. Precisaremos permanecer vigilantes, no sentido de vigilância trazido pela filosofia de Gaston Bachelard, para que sigamos como um espaço plural - de ideias, teorias e conceitos - que contribua para a análise da educação como um fenômeno social multifacetado.

Rosana Heringer

No futuro, desejo que o PPGE abrace cada vez mais as causas associadas à promoção da diversidade no ensino superior brasileiro, notadamente na pós-graduação. Queremos universidades e programas cada vez mais com a cara do Brasil, representando a variedade de conhecimentos e abordagens presente em nosso país, seja na perspectiva regional, de gênero, raça, etnia e outros pertencimentos identitários. Também desejo que o PPGE seja cada vez mais conectado com o mundo, através de robustos programas de intercâmbio com outros centros de pesquisa em todas as regiões do planeta. Esta possibilidade de diálogo nacional e internacional muito contribuirá para fortalecer nossa produção de conhecimento e nossa capacidade de compreender o tempo em que vivemos com toda sua complexidade, que nos exige respostas criativas e inovadoras para dar conta dos grandes desafios apresentados.

Sandra Melo

Admiro muito o programa e percebo toda a sua potência nos professores e alunos que juntos contribuem para o desenvolvimento da pesquisa no País. Grande como a UFRJ, antevejo um PPGE ainda mais vibrante, ativo e renovado. Para os próximos 50 anos faremos mais e melhor!

Teresa Gonçalves

Um texto prospetivo é um exercício de esperança. E como estamos precisados! Que daqui a 50 anos o PPGE seja um espaço de experimentação teórica e de práticas pedagógicas que nos permitam lidar com as questões que enfrentamos na nossa vida, quer individualmente, quer em comum. Um espaço onde as ideias mesmas de universidade, de educação, de prática, de educador, de estudo, de pesquisa possam ser colocadas em questão e constantemente reinventadas. Um espaço de liberdade baseado no estudo da escola, da universidade e de outros contextos e práticas educativas, na defesa da educação pública. Para que, para além das métricas e dos produtos, a aposta na multiplicidade, singularidade e na diferença possa fortalecer a relação com a sociedade na resposta a questões pedagógicas que a todos dizem respeito. Que a afirmação da vitalidade do trabalho do pensamento e dos processos de criação que o constituem possam contribuir para afastar os perigos que hoje nos rondam.

Thiago Ranniery

O futuro pertence à imaginação. Ver os próximos 50 anos é um exercício de ficção científica em toda sua extensão e potência. Extensão e potência que o PPGE continuará a pulsar diante de um tempo que não se sabe como será, de uma vida que não pode ser prevista, mas que podemos desejar: o prédio próprio, o reconhecimento com o conceito 7, a pulsante circulação da produção de nossos laboratórios ecoando em alhures, a vida dos saberes e sabores aqui produzidos ressoando. Mas, tudo isso ainda parece pouco e diminuto perto da escala "50 anos". Que quando formos centenários, possamos inventar a vida da pesquisa em educação no Brasil mais uma vez, como já estamos sempre fazendo.

Tiago Bartholo

O PPGE UFRJ é hoje reconhecido como um programa de excelência por diversos pesquisadores brasileiros. Acho que a busca por uma sociedade mais justa e fraterna passa

necessariamente pela aproximação entre a Universidade e a sociedade civil. Minha visão é de um PPGE forte, reconhecido por toda a comunidade - interna e externa à UFRJ - como um patrimônio da nossa cidade. Uma conquista da sociedade que traz enormes benefícios para nossa cidade e país.

Fiz meu doutorado no PPGE e hoje, como docente, oriento com enorme orgulho alunos de mestrado e doutorado. Que os próximos 50 anos possam ser ainda melhores. Melhores condições de trabalho para docente e pesquisadores e mais reconhecimento sobre o papel central que as instituições de ensino e pesquisa desempenham para o desenvolvimento desse país.

Victor Giraldo

Espero um Programa de Pós-Graduação que continue a se reafirmar suas contribuições e, ao mesmo, a se ressignificar, construído coletivamente com a participação de docentes, estudantes e comunidade, combinando profundidade teórica em pesquisa acadêmica e um permanente compromisso epistêmico, ético e político com uma educação pública, democrática, laica e referenciada na diferença – uma educação crítica e problematizadora que se coloque como resistência em tempos de disputas por um projeto de sociedade.

Anexo: Programação do Evento PPGE 50 ANOS



18h - Mesa de abertura

Maria Muanis (Diretora, Faculdade de Educação/UFRJ)

Rodrigo Rosistolato (Coordenador, PPGE/UFRJ)

Vantuil Pereira (Decano CFCH)

Denise Freire (Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação, UFRJ)

Denise Pires de Carvalho (Reitora, UFRJ) (a confirmar)

Carlos Frederico Leão Rocha (Vice-Reitor, UFRJ)

Mediadora: Rosana Heringer (PPGE/UFRJ e Comissão

Organizadora PPGE 50 Anos)




Programa de Pós-graduação em Educação da UFRJ

PROGRAMAÇÃO
21 DE NOVEMBRO DE 2022

19h - PASSADO E PRESENTE DO PPGE-UFRJ - Conversa com ex-coordenadores do PPGE/UFRJ

Renato Oliveira
Marlene Carvalho
Antonio Flavio Barbosa Moreira
Ana Cavaliere
Carmen Gabriel
Patrícia Corsino
Marcia Serra
Mediador: Rodrigo Rosistolato (Coordenador, PPGE/UFRJ)




Programa de Pós-graduação em Educação da UFRJ

PROGRAMAÇÃO
21 DE NOVEMBRO DE 2022

20h15 - Apresentação musical da cantora Juliana Sucupira e do pianista Luciano Magalhães




Programa de Pós-graduação em Educação da UFRJ

PROGRAMAÇÃO
22 DE NOVEMBRO DE 2022

10h - Roda de Conversa com egressos (1)
Joana Elisa Costa Oscar
Catarina Moreira
Fernanda Omelczuk
Amanda Moreira da Silva
Mariana Gonçalves de Castro
Mediação: Jordanna Castelo Branco




Programa de Pós-graduação em Educação da UFRJ

PROGRAMAÇÃO
22 DE NOVEMBRO DE 2022

14h - Roda de Conversa com egressos (2)
Felipe Macedo
Thayara Cristine Silva de Lima
Christiane Pançardes
Fábio José Paz da Rosa
Simone Maria da Silva
Adriana do Carmo Correa Fontes
Mediação: Daniele Grazinoli



PROGRAMAÇÃO
22 DE NOVEMBRO DE 2022

16h - Roda de Conversa com egressos (3)
Hugo Paula da Rocha
Mariana Amorim
Elisabete Mansur
Leila Gross
Kátia Regina Xavier da Silva
Mediação: Edmilson Ferreira



PROGRAMAÇÃO
22 DE NOVEMBRO DE 2022

18h - CONFERÊNCIA: As políticas atuais para a pós-graduação no Brasil
Conferencista: Elizabeth Fernandes de Macedo
(Representante da área de Educação na Capes)
Mediador: Thiago Ranniery (Vice-Diretor, Faculdade de Educação/UFRJ)



Programa de Pós-graduação em Educação da UFRJ

PROGRAMAÇÃO

23 DE NOVEMBRO DE 2022

14h - A PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO RIO DE JANEIRO

Talita Vidal Pereira (Coordenadora PROPEd-UERJ)

Nielson Rosa Bezerra (Coordenador PPGECC-FEBF-UERJ)

Zoia Prestes (Coordenadora PPGE-UFF)

Pedro Teixeira (Vice-Coodenador PPGE-PUC-Rio)

Maria Luiza Sússekind (PPGEdu Unirio)

Anelise Monteiro do Nascimento (PPGEduc-UFRRJ)

Luiz Fernando Sangenis (Coordenador PPGE/Processos Formativos e Desigualdades Sociais, FFP-UERJ)

Mediador: José Cláudio Sooma (Vice-CoodenadorPPGE/UFRJ)



Programa de Pós-graduação em Educação da UFRJ

PROGRAMAÇÃO

23 DE NOVEMBRO DE 2022

16h30 - Apresentação musical de Vidal Assis, músico, professor do Colégio Pedro II e Doutor em Educação pelo PPGE-UFRJ

17h30 - Coffee break de encerramento - Átrio do Palácio Universitário

Mais informações: secretaria.ppge.fe@gmail.com

<https://ppge.educacao.ufrj.br/>

Apoio: PROEX/CAPES



Por ocasião do evento PPGE 50 ANOS, o **CINEAD – Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual**, em parceria com a Comissão Organizadora, produziu o filme “**50 anos do PPGE! – Carta**”, exibido no primeiro dia do evento.

Para assistir o filme, disponível no YouTube, acesse pelo endereço ou QRCode abaixo:

https://www.youtube.com/watch?v=62Hc-0Zb4uU&t=26s&ab_channel=PPGEUFRJ



Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ: 50 anos

Este e-book é mais uma forma de celebrar os 50 anos do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRJ (PPGE/UFRJ) - comemorado também em eventos, mesas redondas e produção e exibição de filmes com ampla participação de professores, estudantes, técnicos e egressos. Nestas páginas, buscou-se alguns fios da memória que permitam contar um pouco dessa história de um programa, hoje, nacionalmente reconhecido por sua excelência. O PPGE aparece nestas linhas a partir de perspectivas distintas. Permite-se aqui transitar por um relato sobre sua história desde a fundação, pelas vozes de vários de seus coordenadores que narram especificamente os mandatos em que estiveram à frente dessa gestão, por uma análise das produções acadêmicas de teses e dissertação aqui defendidas e finalmente pela prospecção de futuro verbalizada por cada um de seus atuais docentes. Este e-book comemora os 50 anos do programa e nosso desejo é que seja também um presente para o leitor que o busca por laços afetivos ou por motivos acadêmicos; por mera curiosidade intelectual ou porque carrega consigo a marca dos anos vividos aqui.

Maria Muanis – Diretora da Faculdade de Educação

Thiago Ranniery – Vice-Diretor da Faculdade de Educação

